



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*
Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências
Curso de Mestrado Profissional

ANNA KAROLINA SATURNINO DA SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Contribuições da Contação de História na
Educação Infantil**

Duque de Caxias

Abril/2022

ANNA KAROLINA SATURNINO DA SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: contribuições da contação de história na
educação infantil**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, da Universidade do Grande Rio, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Orientadora:

Profa. Dra. Eline das Flores Victer

Duque de Caxias

Abril/2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

S586e

Silva, Anna Karolina Saturnino da.

Educação ambiental: contribuições da contação de história na educação infantil / Anna Karolina Saturnino da Silva. – Duque de Caxias, 2022.

97 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2022.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Eline das Flores Victer”.

Referências: f. 81-83.

1. Educação. 2. Educação infantil. 3. Meio ambiente. 4. Contação de história. 5. Educação ambiental. I. Victer, Eline das Flores. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

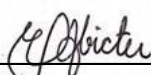
CDD – 370

ANNA KAROLINA SATURNINO DA SILVA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, da Universidade do Grande Rio, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Aprovada em 06 de abril de 2022.



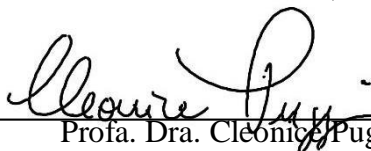
Profa. Dra. Eline das Flores Victor (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)



Prof. Dr. Luciano Luz Gonzaga
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)



Profa. Dra. Rosilaine de Fátima Wardenski
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)



Profa. Dra. Cleonice Puggian
Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias
Urbanas (PPGECC)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata muito sobre a transformação que o ser humano é capaz de realizar no meio em que vive e a transformação que o meio faz no ser humano. Transformação essa que vi e pude vivenciar por uma vida inteira. Filha de educadores, estive desde sempre ligada com o ambiente escolar; antes mesmo de ser aluna, eu já fazia parte da escola e crescer familiarizada com esse espaço desenvolveu, em mim, um amor imenso pela Educação. Fui criada entre livros, cantinhos da leitura e blocos lógicos. Com uma mãe professora alfabetizadora, fui me desenvolvendo com o que hoje chamamos de alfabetização espontânea, amava ganhar livros e os meus sonos sempre foram embalados por histórias. Entre borboletas de jardins, de Cecília, as dúvidas do menino Marcelo, de Ruth Rocha, e as peripécias de Emília, eu fui entendendo que eu queria ser parte desse espaço por toda minha vida.

E, devido a isso, quando chegou o momento de decidir o que realmente eu queria ser, não tive dúvidas que continuaria a ser parte daquele espaço. Fiz o ensino médio na modalidade normal (formação de professores) e, ali, comecei a entender que os desafios de ser parte daquele espaço como professora eram completamente diferentes dos desafios de ser aluna. “Onde fui me meter?” Mas junto com os desafios diários que enfrentamos dentro e fora de uma escola vieram, também, tantos outros pontos positivos que me faziam ter a certeza de que eu tinha feito a escolha certa. O que é mais gratificante que ensinar uma criança a ler e escrever? Ou o que pode ser mais motivante que ensinar um aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a reconhecer o seu próprio nome?

Entendi, ali, que ser professor é transformar vidas, mostrar possibilidades e lutar por oportunidades. Sendo assim, segui firme com meu propósito, fui aprovada no vestibular de uma das melhores universidades públicas do país, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e cursei Pedagogia. Durante todo esse tempo eu já atuava na Educação Básica e cada vez mais tinha certeza das escolhas que havia feito para minha carreira. Passei em um concurso público e estou cada vez mais conectada com o objetivo de auxiliar na transformação de vidas. Me especializei em alfabetização e letramento e, hoje, faço parte do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, sendo uma aluna bolsista e cada vez mais convicta que a Educação é o caminho.

Aos 27 anos e educadora há 11, sou imensamente feliz e realizada com a minha profissão. Concluir o mestrado é só mais uma etapa dos diversos projetos que passam na minha mente todos os dias, afinal, já viu professor descansar?

Educação é amor, mas não é somente de amor que nós precisamos, sigo convicta que a nossa luta como educadores é diária, legítima e necessária. A busca por uma educação pública igualitária para todas será sempre parte da minha vida profissional e pessoal. Desenvolver nos nossos alunos o senso crítico para transformar o mundo é parte desse trabalho, da minha trajetória e da minha vida.

Dedico este trabalho para a mulher, mãe e educadora que me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor. “Tem muito dela em mim, ou um pouco de mim é ela”. Para Claudia Belo, minha melhor amiga e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Começo a minha lista de agradecimentos a duas mulheres fortes, Maria e Terezinha, minhas avós. A primeira fugiu do interior da Paraíba com sete filhos e os criou com toda dedicação e carinho, formando trabalhadores íntegros e honrados; obrigada Vó Nena, que aí do céu a senhora tenha orgulho de todos os meus passos. A segunda, Terezinha, desde menina precisou trabalhar duro, nunca deixou de se importar com o valor da educação, junto com meu avô Moises, pedreiro e muito trabalhador, educou minha mãe e minhas tias e, mesmo sem muita instrução e sem entender o tamanho do que se tratava, as “letrava” com embalagens de mercado, dando início a um processo de alfabetização, mesmo não tendo terminado nem o ensino fundamental. A minha base foi construída por vocês e agradeço a Deus pelo privilégio de poder ter ao meu lado meus avós Moises e Tereza para partilhar desse momento tão especial.

Agradeço às minhas tias Cristiane e Carmem por todo amor, amizade e parceria de uma vida, ao meu primo Arthur, à minha irmã Júlia, ao meu padrasto Bruno e ao meu tio Alexandre. Família é compartilhar um laço de amor e eu sou muita grata por vocês serem parte da minha. Ao meu pai Saturnino, por ser presente na minha vida e ser parte de mim, obrigada por toda parceria e todo apoio durante essa caminhada.

Agradeço ao meu esposo Derick, que me motiva todos os dias e tem sido fundamental nessa trajetória, me auxiliando, cuidando e prestigiando cada passo que eu dou. Seu companheirismo e seu amor foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Obrigada pela paciência nos dias de ansiedade e estresse e por todo o amor compartilhado até este momento. Amo você.

Em especial, agradeço à minha maior incentivadora nesse processo, desde a inscrição na prova de inserção no mestrado até o auxílio nas minhas dúvidas, minha mãe, Claudia. Sou extremamente grata por Deus ter nos unido nesse laço de amor eterno que é a maternidade, serei sua companheira por toda a vida. Obrigada por cada opinião, cada dúvida e cada esclarecimento que você me deu até aqui. Você é parte dessa trajetória e eu jamais conseguiria sem você. Você é minha maior inspiração. Te amo.

Sou grata, também, por cada professor que passou na minha vida escolar e acadêmica e por cada ensinamento que ficou em mim. Em especial, agradeço aos professores do PPGE, com quem tanto aprendi na construção dessa pesquisa, e agradeço aos sujeitos da pesquisa, que tanto contribuíram para que tudo saísse como o esperado.

E, para finalizar, agradeço, mais uma vez, a quem mais merece todo o reconhecimento e que me ajudou a chegar até aqui, meu amado e querido Deus. Obrigada por ter sido sempre tão fiel na minha vida.

RESUMO

SILVA, Anna Karolina Saturnino da. **Educação ambiental**: contribuições da contação de história na educação infantil. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Ciências) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2022.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de dissertação com o objetivo de analisar e investigar as práticas de Educação Ambiental a partir da contação de história em uma creche no bairro de Campos Elíseos, Duque de Caxias. Utilizando a contação de história como ferramenta introdutória para essa abordagem, entende-se que a Educação Ambiental pode transformar o mundo e proporcionar melhor qualidade de vida para as pessoas, redefinindo as relações entre homem e natureza, visando romper com a atual ordem social, econômica e política da nossa sociedade. E isso só se fará com a prática de uma educação ambiental onde o sujeito se sinta parte do meio em que vive e ativo naquele espaço, se tornando responsável por diversos aspectos, a fim de discutir pontos como igualdade de direitos, autonomia e participação. Pensando em toda a importância que a Educação Ambiental traz para a sociedade, esse trabalho também pontua a necessidade dessas práticas serem desenvolvidas desde a primeira etapa do processo de escolarização, neste caso, na Educação Infantil, trazendo a contação de história como ferramenta introdutória para a abordagem dessas práticas nesta etapa, considerando que a contação de história desperta a curiosidade, estimula a imaginação, desenvolve a autonomia e o pensamento crítico, além de vivenciar e proporcionar diversas emoções distintas, ajudando a criança a solucionar possíveis conflitos, tornando-se uma ferramenta muito positiva para o desenvolvimento do senso crítico e de práticas de Educação Ambiental, explorando a linguagem e o pensamento e auxiliando na construção da identidade da criança. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes etapas: análise dos documentos da unidade, tais como Projeto Político Pedagógico, projeto anual e projetos das turmas; busca por obras literárias que abordassem a Educação Ambiental de alguma forma; observação da frequência da contação de história na creche e do desenvolvimento de oficinas que pudessem contribuir com a formação dos sujeitos da pesquisa em relação aos temas de educação ambiental crítica e contação de história. Em seguida, foram elaborados produtos educacionais: um livro paradidático infantil, intitulado “Céu azul, que ficou cinzento”, e um guia de planejamento e orientação direcionado ao professor, para que os sujeitos da pesquisa realizassem essa abordagem dentro da unidade pesquisada, considerando a faixa etária, contexto social e rotina das crianças. Sobre os resultados dessa pesquisa, considerando toda a análise, a contribuição dos produtos educacionais no cotidiano dos sujeitos e na formação deles e os apontamentos dos sujeitos por meio do formulário de validação, podemos pontuar que a proposta de utilizar o livro paradidático “O Céu azul que ficou cinzento” para que práticas de Educação Ambiental fossem desenvolvidas em uma creche no bairro de Campos Elíseos foi recebida e desenvolvida com muita satisfação e de forma positiva. Também vale ressaltar a utilização do guia de orientação que foi entregue juntamente com o livro paradidático aos sujeitos para, além de ampliar conhecimentos sobre Educação Ambiental por meio da contação de história, incentivar os sujeitos a darem continuidades nos estudos e pesquisas relacionados aos temas de contação de história e educação ambiental crítica.

Palavras-chave: educação ambiental; educação infantil; contação de história.

ABSTRACT

SILVA, Anna Karolina Saturnino da. **Environmental education**: contributions of storytelling in early childhood education. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Ciências) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2022.

This work is dissertation research aiming to analyze and investigate the practices of Environmental Education from the storytelling in a daycare center in the neighborhood of Campos Elíseos, Duque de Caxias. Using storytelling as an introductory tool for this approach, it is understood that Environmental Education can transform the world and provide better quality of life for people, redefining the relationship between man and nature, aiming to break with the current social, economic, and political order of our society. And this will only happen with the practice of an environmental education where the subject feels part of the environment in which he lives and active in that space, becoming responsible for various aspects, in order to discuss points such as equal rights, autonomy and participation. Thinking about all the importance that Environmental Education brings to society, this work also points out the need for these practices to be developed from the first stage of the schooling process, in this case, in Early Childhood Education, bringing the storytelling as an introductory tool for the approach of these practices at this stage, considering that storytelling arouses curiosity, stimulates the imagination, develops autonomy and critical thinking, besides experiencing and providing several distinct emotions, helping the child to solve possible conflicts, becoming a very positive tool for the development of critical sense and Environmental Education practices, exploring language and thinking and helping in the construction of the child's identity. Thus, the research was developed from the following steps: analysis of the unit documents, such as the Political Pedagogical Project, annual project, and class projects; search for literary works that addressed Environmental Education in some way; observation of the frequency of storytelling in daycare and the development of workshops that could contribute to the training of research subjects in relation to the themes of critical environmental education and storytelling. Then, educational products were prepared: a children's book, entitled "O Céu azul que ficou cinzento", and a planning and guidance guide directed to the teacher, so that the research subjects could carry out this approach within the researched unit, considering the age range, social context, and routine of the children. About the results of this research, considering all the analysis, the contribution of educational products in the daily lives of subjects and their training and the notes of the subjects through the validation form, we can point out that the proposal to use the textbook "Céu azul que ficou cinzento" for practices of Environmental Education were developed in Campos Elíseos was received and developed with great satisfaction and in a positive way. It is also worth mentioning the use of the guidance guide that was delivered along with the storybook to the subjects to, in addition to expanding knowledge about Environmental Education through storytelling, encourage the subjects to continue their studies and research related to the themes of storytelling and critical environmental education.

Keywords: environmental education; childhood education; storytelling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Livro: Céu azul, que ficou cinzento	49
Figura 2 – Guia de orientação e planejamento	49
Quadro 1 – Obras sobre Educação Ambiental	63
Figura 3 – Atividade 1	75
Figura 4 – Atividade 2	76
Figura 5 – Atividade 3	76
Figura 6 – Atividade 4	77
Figura 7 – Atividade 5	77
Figura 8 – Oficina 1	85
Figura 9 – Oficina 2	86
Figura 10 – Oficina 3	87
Figura 11 – Formulário 1	88
Figura 12 – Formulário 2	89
Figura 13 – Formulário 3	90
Figura 14 – Formulário 4	91
Figura 15 – Formulário 5	92
Figura 16 – Assinaturas 1	94
Figura 17 – Assinaturas 2	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
2.1	Histórico sobre a Educação Ambiental no Brasil	18
2.2	A Educação Ambiental nos documentos oficiais	20
2.3	A importância da Educação Ambiental na Educação Básica	22
2.4	Desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil	24
3	CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	27
3.1	A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil	29
3.2	A contação de história: fortalecendo o letramento e a futura aquisição da leitura e da escrita	31
3.3	O professor contador de história na Educação Infantil	33
3.4	Por que ensinar Educação Ambiental a partir da contação de história na etapa da Educação Infantil?	35
3.5	Métodos e técnicas de contação de história na Educação Infantil	38
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	40
4.1	Análise de conteúdo	41
4.2	Contexto da pesquisa	41
4.3	Contexto ao qual a creche está inserida	43
4.4	Sujeitos participantes	45
4.5	Instrumentos e procedimentos	47
5	PRODUTO EDUCACIONAL: “O Céu azul que ficou cinzento” E GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIA	49
5.1	Ponto de partida	51
5.2	Referencial teórico	52
5.2.1	<i>A importância das histórias infantis</i>	<i>53</i>
5.3	Equipe que auxiliou na execução do produto	54
5.4	Aplicação do produto educacional	55
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
6.1	Primeira etapa da pesquisa: análise dos documentos da unidade	57

6.1.1	<i>A Educação Ambiental nos documentos da creche</i>	59
6.1.2	<i>Projeto institucional da creche e projeto anual das turmas</i>	61
6.2	Segunda etapa: obras literárias e a frequência da contação de história na rotina das crianças	63
6.3	Entrevista semiestruturada com os sujeitos da pesquisa	67
6.4	Oficinas com os sujeitos da pesquisa	68
6.5	Validação do produto	72
7	CONTRIBUIÇÕES PÓS-VALIDAÇÃO	75
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas	84
	APÊNDICE B – Planos de aula das oficinas realizadas com os sujeitos	85
	APÊNDICE C – Formulário de validação do produto educacional e gráficos indicadores dos resultados	88
	APÊNDICE D – Termo de consentimento	93
	APÊNDICE E – Termo de autorização do uso de imagem	95

1 INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar com a temática da Educação Ambiental (EA) no contexto da Educação Infantil (EI) surgiu após a elaboração de um canteiro agroflorestal, construído pelas crianças na creche pesquisada em parceria com o Projeto EDUC, que, juntamente com a Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental, pretende a mudança de olhar e comportamento em relação aos resíduos sólidos, sensibilizando todos os atores da região trabalhada, que é o bairro de Campos Elíseos, onde a creche está localizada.

A partir desse trabalho, pude observar a curiosidade e o interesse das crianças sobre essa temática, pois vários questionamentos surgiram durante as atividades, como por exemplo: “de onde vem a água limpa?” (água potável); “podemos plantar coisas para comer na nossa casa?” (construção de uma horta/canteiro nas residências das crianças); e “como que o restinho da fruta pode ajudar o crescimento da plantinha?” (adubação).

E, por consequência desses questionamentos, também observei o interesse dos professores em auxiliar o desenvolvimento dessa consciência ecológica, despertando a preocupação individual e coletiva das crianças com o meio ambiente, juntando essa curiosidade infantil ao encantamento que elas têm com a contação de história – que é uma prática muito antiga e que tem grande relevância na história da nossa humanidade, pois antes mesmo da construção da escrita já existia o hábito de utilizar o conto oral como uma das transmissões de conhecimento. Segundo a autora Cléo Busatto (2003), foram através dessas tradições de conhecimentos, que foram transmitidos via contos orais, que muitas sociedades conseguiram preservar sua cultura e saberes a partir dos tempos. Além da contação de história fazer parte da rotina das crianças dentro da creche, tem uma importância gigantesca para o desenvolvimento, principalmente na etapa da educação infantil, o que me motivou a pesquisar a Educação Ambiental por meio da abordagem da contação de história.

Este projeto de pesquisa foi realizado em uma creche que atende crianças de um até cinco anos, localizada em Campos Elíseos, Duque de Caxias, dentro do Perímetro Crítico de Acidentes (PCA) da Refinaria Duque de Caxias (REDUC), na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro, Brasil. A investigação analisou a abordagem de práticas ambientais a partir da contação de história, considerando que cada vez mais cresce a necessidade de enfatizar e introduzir a Educação Ambiental em todos os níveis do processo de escolarização, em especial na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, já que esse é compreendido como um dos primeiros locais de construção do senso crítico da criança.

Dessa forma, trago a análise de ações estratégicas e direcionadas à participação da promoção de uma educação ambiental, considerando o contexto local de riscos e os conflitos socioambientais existentes na localidade onde a pesquisa foi realizada, utilizados como pressupostos da pesquisa do estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa foram cinco educadores da creche, sendo três professores, um orientador educacional e a gestora da unidade. A construção da pesquisa foi baseada na importância da introdução da Educação Ambiental desde o início do processo da Educação Básica e nos benefícios da utilização da contação de história como ferramenta para abordagem dessa prática. Segundo Abramovich (2009), é muito importante o “ouvir e contar histórias” para o desenvolvimento de qualquer criança, pois esse é o início da formação para se tornar um leitor, além de ser por meio das histórias que as crianças vão aprender a solucionar seus conflitos e de contribuir para uma vasta aprendizagem e crescimento infantil. Levando em consideração, também, que a realização de práticas pedagógicas voltadas para a Educação Ambiental na Educação Infantil proporciona à criança a chance de se ver parte de um contexto maior, principalmente como ser humano ativo na natureza, alicerçando, assim, a construção de uma identidade a partir de um olhar voltado ao entendimento claro e amplo da ligação do ser humano com o meio ambiente.

Portanto, o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar a contribuição da contação de história no desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil da creche. Já os objetivos específicos são: analisar o entendimento de EA dos educadores da creche; investigar se existe a presença de EA nos documentos norteadores da prática pedagógica, como, por exemplo, projeto político e pedagógico da unidade, projeto institucional, planos de aula e planos anuais; observar a prática e a frequência da contação de história na creche; buscar por obras literárias voltadas para EA na unidade; realizar oficinas com os sujeitos da pesquisa que os estimulem a desenvolverem atividades de EA com as crianças e a construção de um livro paradidático que possa vir a contribuir com o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental por meio da contação de histórias.

Sendo assim, a pesquisa busca ressaltar a importância sobre a realização de um trabalho pedagógico que garanta experiências às crianças e que incentivem a curiosidade, partindo do seguinte questionamento: **“como desenvolver práticas de Educação Ambiental, por meio da contação de história, nesta determinada unidade?”** O primeiro ponto buscado foi considerar os problemas ambientais existentes na localidade em que a creche está inserida, o contexto de risco que a comunidade está submetida, pela proximidade com o polo petroquímico, e a faixa etária das crianças na unidade. Em seguida, cumprindo os objetivos já citados acima, foi realizada uma entrevista com os sujeitos da pesquisa, buscando

compreender o entendimento individual de cada um deles sobre EA, feita uma análise sobre EA nos documentos oficiais da unidade, efetuada uma busca literária sobre obras de Educação Infantil que abordassem algum tema relativo a EA e executada a observação da frequência que os docentes realizavam a contação de história em cada sala de aula. Ainda mantendo a ordem dos objetivos específicos, foram realizadas oficinas com os docentes, sendo a primeira oficina com o objetivo de ampliar o olhar dos docentes para a Educação Ambiental crítica e entender um pouco sobre a concepção de cada um a respeito do tema, a segunda foi uma aula passeio colocando em prática o planejamento que os professores realizaram na primeira oficina e a terceira abordou métodos e técnicas da contação de história. Os temas abordados levaram em consideração a fala que cada um trouxe nas entrevistas sobre a dificuldade que eles enxergavam em abordar a Educação Ambiental, principalmente a Educação Ambiental na vertente crítica e dentro da etapa da Educação Infantil.

Assim, as oficinas foram realizadas buscando contribuir para que os docentes possam vir a realizar atividades que despertem na criança o questionamento, o conhecimento delas em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza, bem como a promoção da interação, do cuidado, da preservação, do conhecimento da biodiversidade, da sustentabilidade da vida na Terra, do não desperdício dos recursos naturais e de todos os demais conflitos socioambientais existentes na localidade onde vivem; no meu entendimento, proporcionam a elas a oportunidade de desenvolverem uma consciência ecológica que, segundo a autora Patricia Blauth (2002, p. 206), “é a construção de um pensamento responsável acerca do ambiente em que vivemos”. Ou seja, trata-se mais de que um simples pensamento, é uma mudança de comportamento que irá refletir diretamente no nosso planeta.

Entendo que a escola e todo processo de escolarização precisa ser enxergado como um processo de emancipação, contribuir para a formação de sujeitos críticos é parte fundamental do papel do professor e usar da contação de história como uma ferramenta para que as crianças identifiquem os problemas socioambientais ao seu redor é uma possibilidade para desenvolver esse papel de forma plena. Para auxiliar nesse processo, foram desenvolvidos dois produtos, sendo um livro paradidático, intitulado “O Céu azul que ficou cinzento”, e um guia de orientação e planejamento, para contribuir com o professor sobre os temas de Educação Ambiental, contação de história e atividades que possam ser realizadas a partir desses temas.

2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, compreenderemos sobre as práticas de Educação Ambiental no contexto da Educação Infantil a partir dos seguintes tópicos: o histórico da Educação Ambiental nos documentos oficiais; a importância da Educação Ambiental na Educação Básica; e o desenvolvimentos de práticas de Educação Ambiental no contexto da Educação Infantil.

Devemos pensar a educação escolar como uma forte base que incentiva formas de desenvolvimento, inclusão e promoção social, bem como a apropriação de práticas de educação ambiental e socioambiental. Inspirada pelos escritos de Loureiro (2003), entendi que é de extrema importância a reflexão individual e coletiva para a tomada de consciência de que os sujeitos da pesquisa devem ser atuantes no ambiente e, dessa forma, perceberem o contexto local de riscos em que vivem. Esta ação reflexiva e dialógica é uma peça-chave para o processo de uma educação ambiental transformadora voltada para o desenvolvimento humano, não apenas para consolidar dados, mas, sim, produzir informações práticas diferenciadas e conhecimentos necessários para que eles possam atuar em sua realidade local promovendo ações que minimizem as situações conflitantes.

Não nos educamos abstratamente, mas na atividade humana coletiva, mediada pelo mundo (natureza), com sujeitos localizados histórica e espacialmente. Ter clareza disso é fundamental para atuarmos em Educação Ambiental, não a partir do discurso genérico de que todos nós somos igualmente vítimas do processo de degradação ambiental e de que todos nós atuamos livre e racionalmente sob condições objetivas iguais. Educar para transformar é agir conscientemente em processos sociais que se constituem conflitivamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual. Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando a superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade contemporânea. (LOUREIRO, 2003, p. 143).

Segundo os escritos de Loureiro (2003), podemos pensar no sujeito como um ser histórico, determinado pelas condições objetivas de sua existência, ao mesmo tempo em que atua sobre ela por meio de sua práxis, ou seja, compreende o homem como produto social, que desenvolve seu individual no coletivo, que precisa e deve aprender a desenvolver a sua consciência ecológica para gerar ações que mudem seus hábitos e, por consequência, transformem o meio em que vive.

Comparando as estruturas opressoras da sociedade, tão bem colocadas por Freire (1968) em sua obra “Pedagogia do oprimido” – obra que figura entre as principais de sua vasta bibliografia –, como, por exemplo, a desigualdade social, a exploração do trabalho do homem e as relações autoritárias, dispus-me a refletir sobre a relação da comunidade de Campos Elíseos com a REDUC, que ainda não é de confiança num contexto de vulnerabilidade ambiental. É flagrante a ausência ou precariedade de alguns serviços públicos na região onde a creche está localizada, como a coleta de lixo domiciliar, saneamento, rede de água potável etc. As comunidades próximas à Refinaria Duque de Caxias carecem de melhorias das condições básicas de infraestrutura e de informações sobre riscos e impactos ambientais das suas práticas. É inconcebível a falta de aparatos públicos que possibilitem à população local o mínimo de condição de sobrevivência. Nem mesmo esclarecimento quanto aos riscos eminentes de acidentes são proporcionados pela REDUC à população local. Em contrapartida, é falsamente disseminada a ideia da importância da refinaria para a geração de emprego e renda para a localidade.

Os opressores, falsamente generosos têm necessidade, para que sua “generosidade” continue sendo oportunidade de realizar-se da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. (FREIRE, 1968, p. 42).

Retomando aos pensamentos de Freire (1968), os saberes acumulados sobre desenvolvimento humano capacitarão os educadores docentes para entender e acompanhar os brutais processos de formação dessa “ordem” social humana, consequência de uma desigualdade social extrema que fica nítida quando observamos a formação escolar dos cidadãos de classes sociais mais baixas.

De acordo com minhas vivências e experiências de onze anos como educadora, tanto na rede pública quanto na rede privada, entendo que o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas ainda tem sido desenvolvido sob uma ótica conservacionista, focando no olhar relacionado à natureza e pressupondo mudanças no comportamento individual dos sujeitos em relação ao ambiente, uma mudança de cultura, normalmente com foco em coletas de lixo e premiações para as crianças que trouxeram uma maior quantidade de garrafas *pet* para a reciclagem, sem voltarem-se para um problema ainda maior, o consumo demasiado que gera o lixo. O trabalho com EA nas escolas ainda está distante das dinâmicas sociais e políticas e de seus respectivos conflitos de poder. Intrigada com a prática de Educação Ambiental ainda realizada nas escolas, reforço meu ideal de pensamento crítico pautada no olhar de Layrargues, que conclui que a reciclagem

camufla a crítica ao consumismo e, além de tudo, reforça as estratégias de concentração de renda. Recicla-se para não reduzir o consumo. Afinal, a reciclagem representa, além da salvação da cultura do consumismo, a permanência da estratégia produtiva da descartabilidade e da obsolescência planejada, permitindo a manutenção do caráter expansionista do capitalismo. (LAYRARGUES, 2002, p. 189).

Segundo Layrargues (2002), a reciclagem interessa a todos pelo ponto de vista social e precisa continuar sendo incentivada, mas precisamos entender que ela não é única solução e não deve ser tratada dessa forma, a educação ambiental vai muito além do contexto que a reciclagem aborda e ignorar os outros fatores que nos levam à reciclagem é ignorar, também, os avanços que nós, como seres humanos, devemos pensar quando tratamos do meio ambiente.

2.1 Histórico sobre a Educação Ambiental no Brasil

No início da década de 1960, surgiram algumas manifestações populares, no Brasil e no mundo, a respeito de revelações de danos ambientais que, até o momento, eram desconhecidos e, a partir desse ponto, os brasileiros começaram a se organizar e lutar para proteger o meio ambiente. O termo como conhecemos hoje, *Environmental Education* (Educação Ambiental), surgiu, em março de 1965, em uma conferência em Educação na Universidade Keele, na Grã-Bretanha. Nesta ocasião, foi aceito que a Educação Ambiental devesse se tornar parte essencial da educação de todos os cidadãos e seria vista como algo essencial e necessário na conservação do planeta. Já no Brasil, a Constituição de 1988 introduziu, pela primeira vez no país, um capítulo inteiramente específico sobre o meio ambiente, considerando um bem comum de todo o povo e essencial à qualidade de vida e, assim, impondo ao poder público e a todos os cidadãos – de todas as gerações, presentes e futuras – o dever de preservá-lo. Nosso país, desde então, pelo menos em alguns documentos públicos, não estava mais alheio à importância da educação ambiental. Em 1992, no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e seu Desenvolvimento (UNCED ou Earth Summit), mais conhecida como Rio-92, onde foi elaborado um documento de extrema importância para o nosso país e para o mundo, o chamado “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”. Neste documento ficou determinado que “a educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo e lugar, em seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade” (TRATADO...,

1992, p. 2). Além de reconhecer que a “Educação Ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos” (BRASIL, 1992, p. 3).

A partir desse documento, os Ministérios da Educação, da Cultura e da Tecnologia, nesse ano de 1992, instituíram o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA) e o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) como responsáveis pelo cumprimento de suas determinações e na qualidade de executor da política nacional de meio ambiente e, assim, também elaboraram diretrizes para implementação do PRONEA e incluíram a EA no processo de gestão ambiental, ou seja, tornando-a presente em todas as áreas de atuação vigente daquele momento. Em seguida, no ano de 1997, o Ministério da Educação (MEC) elaborou uma nova proposta curricular denominada de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde o meio ambiente passa a ser um tema transversal nos currículos do Ensino Fundamental da Educação Básica. Em 1999, surgiu uma regulamentação maior para a EA com a Lei nº 9.795/99, que identifica a importância da educação ambiental, tornando-a reconhecida e oficializada como área essencial e permanente em todo processo educacional. Essa lei surgiu embasada no artigo 225, inciso VI, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). Segundo essa lei, a EA tem que ser trabalhada dentro e fora da escola, de forma interdisciplinar.

A apresentação de temas ambientais no ensino primário deveria se fazer com ênfase em uma perspectiva de educação geral, dentro do marco, por exemplo, das atividades de iniciação e junto com as atividades dedicadas à língua materna, à matemática ou a expressão corporal e artística. O estudo do meio ambiente deve recorrer aos sentidos das crianças (percepção do espaço, das formas, das distâncias e das cores), e fazer parte das visitas e jogos. O estudo do entorno imediato do aluno (casa, escola, caminho entre ambos) reveste-se de muita importância (DIAS, 1992, p. 54).

Assim, no ambiente da sala de aula, o professor deve fazer uma ligação do conteúdo ministrado com o cotidiano e a realidade da criança – o que já apontamos em outras partes dessa pesquisa –, fazendo com que todas as práticas desenvolvidas sejam baseadas nas vivências dos alunos e nos fenômenos que ocorrem em sua volta. Enfim, podemos, mais uma vez, enfatizar e evidenciar que a Educação Ambiental na infância desperta na criança a consciência de preservação e, principalmente, de cidadania. Ela passa a entender, desde cedo, que é um ser participante do ambiente em que vive.

2.2 A Educação Ambiental nos documentos oficiais

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil é tida como direito social das crianças e dever do Estado. A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a atuação da família e da sociedade, conforme Art. 29, da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996).

Cabe destacar, também como importante política pública, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, na qual “dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências” (BRASIL, 1999, não p.). A referida legislação nos orienta que “entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas”, abrangendo, inclusive, a Educação Infantil (BRASIL, 1999, não p.).

Em 17 de dezembro de 2009, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Resolução nº 5, na qual fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), objetivando orientar as concepções e práticas pedagógicas na Educação Infantil. Nela, a criança é vista como um sujeito histórico e de direitos:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, não p.).

As referidas diretrizes trazem a concepção de educação infantil vigente e estabelecem os princípios éticos, políticos e estéticos que devem nortear as propostas pedagógicas desta etapa da Educação Básica. Dentre estes princípios mencionados, destaco o princípio *ético*, que é assim descrito no Art. 6º, inciso I: “[princípios] éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (BRASIL, 1999, não p.).

De acordo com a DCNEI, as práticas pedagógicas desta etapa devem ocorrer de modo a não fracionar a criança nas suas capacidades, de vivenciar experiências no seu modo de ver

e viver, percebendo-se como ser integrante do meio, como sujeito histórico na maneira de construir suas relações com a natureza, com o outro e consigo, desenvolvendo-se em suas relações interpessoais, na relação com o corpo, com a oralidade, com os meios físico e natural, com as emoções e as demais relações com o mundo. Desta forma, este documento traz, em seu Art. 9º, uma menção às práticas que deverão compor a proposta pedagógica da Educação Infantil e destaca, como eixos norteadores e estruturantes desta etapa da Educação Básica, as inteirações e brincadeiras, garantindo diversas experiências pela criança, intencionalmente planejadas pelo professor, onde as crianças se apropriam de inúmeros conhecimentos em contato com o meio, com os adultos e com outras crianças, em um enorme ciclo de desenvolvimento e socialização. Dentre as práticas mencionadas no Art. 9º, destaco os incisos VIII e X, que descrevem:

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza; [...] X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais. (BRASIL, 2009, não p.).

Uma outra importante e recente política educacional é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabeleceu os direitos de aprendizagem da criança. Nela, a Educação Infantil é reconhecida como etapa essencial de aprendizagem para as crianças de zero a cinco anos de idade. Esta foi mais uma notável conquista desta primeira etapa da Educação Básica. A BNCC traz, ainda, o reconhecimento desta fase como fundamental para a construção da subjetividade e da identidade da criança. De acordo com Silvana Augusto, assessora pedagógica de redes municipais de ensino para o segmento de Educação Infantil e formadora do Instituto Singularidades, “o importante é criar condições para a formulação de perguntas. As crianças precisam pensar sobre o mundo ao seu redor, desenvolver estratégias de observação, criar hipóteses e narrativas.” (AUGUSTO, 2020, p. 4).

Criar possibilidades para que a criança se desenvolva de forma plena é um dos papéis fundamentais da escola. É preciso priorizar elementos que dialoguem tanto com a obrigatoriedade presente nos documentos que regem a Educação Infantil quanto com a realidade da criança, buscando mecanismos e estratégias que preservem à criança o direito de desenvolver todos os seus campos de experiências.

2.3 A importância da Educação Ambiental na Educação Básica

Quando tratamos sobre o contexto das séries iniciais, se faz necessário criar um diálogo direto entre a Educação Escolar (EE) e a Educação Ambiental, pois é preciso fazer com que os educadores compreendam a necessidade em desenvolver práticas que busquem melhor qualidade de vida e condições socioambientais dignas. E essas questões são levantadas e apontadas via campo da Educação Ambiental. Deve-se considerar, também, o fato de que a Educação Ambiental, dentro do contexto escolar, precisa ser ampliada para além de mudança de hábito individual e transformações da situação do nosso planeta, não desvalorizando essas questões, mas também colocando em ênfase situações de aspectos educacionais e ambientais, com a finalidade de discutir a implementação da EA a partir de valores como cooperação, coletividade, igualdade de direitos, autonomia, democracia e participação, possibilitando ao aluno aprender com o próprio ambiente e com a realidade social de cada um e fazendo com que o papel do educador auxilie diretamente na construção de uma consciência crítica.

Segundo Lamosa e Loureiro (2011, p. 282),

no Brasil, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1990, foram elaboradas diversas políticas públicas com o objetivo de incentivar e promover a EA no ensino fundamental. Entre 2001 e 2003, o censo escolar feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) inseriu uma pergunta sobre a presença da EA nas escolas brasileiras de ensino fundamental. Essa pergunta pretendia identificar as três modalidades previamente definidas de inserção da EA na prática pedagógica: projetos, forma transversal nas disciplinas ou disciplina especial.

Refletindo sobre o pensamento de Lamosa e Loureiro (2011), é possível entender que a promoção de práticas voltadas para a EA, no contexto das séries iniciais, é muito recente no nosso currículo e, por isso, é preciso pensar em como elas vêm se desenvolvendo dentro dos ambientes escolares e se os nossos educadores estão e sentem-se preparados para aplicar essas práticas.

Com base nas leituras realizadas no decorrer desta referida pesquisa, pude entender que a Educação Ambiental dentro das escolas corresponde a um processo pelo qual o aluno adquire conhecimentos acerca das questões ambientais e, dessa forma, passa a ter uma visão mais ampla sobre seu ambiente e seu papel como agente transformador nesse espaço. Mas será que apontar as questões de conservação, mudanças e transformações de hábitos de forma singular para o meu aluno é realmente ensinar sobre Educação Ambiental? As questões ambientais estão cada vez mais enfatizadas e presentes no cotidiano e na rotina da nossa sociedade e, por isso, também, cada vez mais se faz necessário aprofundar-se e desenvolver

práticas de EA em todos os níveis do processo educativo, em especial nos anos iniciais, conscientizando e despertando, desde criança, o senso crítico relacionado diretamente com as questões socioambientais e sua conexão ligada diretamente com o processo de degradação ambiental do nosso planeta.

Ainda sobre a importância dessas práticas nas séries iniciais, os autores Mendonça *et al.* (2011, p. 6) trazem os seguintes apontamentos:

a educação ambiental nas escolas contribui para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade. Para isso, é importante que, mais do que informações e conceitos, a escola se disponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores e com mais ações práticas do que teóricas para que o aluno possa aprender a amar, respeitar e praticar ações voltadas à conservação ambiental.

A escola é o local onde o aluno irá dar ênfase no seu processo de socialização, ou seja, a escola não é o único lugar onde esse processo acontece. Sendo assim, é preciso que o aluno crie consciência das suas atitudes e do seu comportamento e entenda que ele é um ser participante e atuante no ambiente em que vive. Essas questões são apontadas diretamente com a prática da EA no decorrer e durante o processo de escolarização, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos responsáveis e críticos. Para isso, a escola precisa dar acesso aos alunos uma educação ambiental de forma contextualizada com a realidade deles. Esse trabalho – meio ambiente, escola e educação ambiental – precisa estar interligado para que funcione na sua forma plena, trazendo a necessidade de estar preparado para trabalhar esse tema, o que já foi questionado nos parágrafos anteriores. O corpo docente e toda a equipe pedagógica das unidades escolares possuem conhecimento e informações para desenvolver este tema de forma satisfatória com os nossos alunos?

Os professores têm o papel de serem mediadores desses conteúdos, mas isso não significa que eles ou qualquer outra pessoa deva saber tudo sobre o meio ambiente. Somos seres humanos em constante aprendizado, além da nossa sociedade estar em constante transformação. Assim, o professor precisa estar disposto e preparado para ir em busca de conhecimentos e informações para que sejam transmitidos da melhor forma para os alunos. Um trabalho que precisa ser feito de forma mútua, quando tratamos de um serviço público e, também, quando tratamos das redes privadas. É preciso valorizar a formação continuada dos nossos professores, com uma construção de conhecimento constante e com o objetivo de desenvolver neles uma postura crítica diante da atual realidade ambiental e, a partir disso,

construírem uma consciência global das questões relativas ao ambiente para, dessa forma, assumirem posições relacionadas com os valores de proteção e melhoria.

2.4 Desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental na Educação Infantil

Com base nas leituras, pude compreender que é um fato a criança, a partir da sua curiosidade, cada vez mais desenvolve a sua capacidade de agir por meio da exploração e da observação do seu ambiente. A partir desse movimento de exploração, é possível observar, muitas das vezes, que ela busca soluções para melhorar a sua própria qualidade de vida. Sendo assim, ela precisa de orientações para que, durante esse processo, ela possa desenvolver uma aprendizagem significativa, contribuindo para o seu desenvolvimento. É na Educação Infantil que temos a oportunidade de desenvolver nas crianças uma personalidade participante voltada para as questões socioambientais.

Segundo os autores Alves e Saheb (2013, p. 30),

a EA é entendida como uma educação em valores, modificando hábitos que estão relacionados com o nosso meio ambiente. Está também relacionada com as práticas que são aplicadas para se conduzir a melhoria da qualidade de ambiental promovendo, o desenvolvimento de conhecimento, atitudes e habilidades.

Mesmo entendendo toda a importância da EA, nós não podemos atribuir somente à EA dentro do contexto escolar e das instituições de ensino toda a responsabilidade para solucionar os problemas do mundo. Problemas que nós, como seres humanos, provocamos em nosso ambiente. Mas podemos compreender a EA como um aspecto educativo, que pode e deve estar presente em todas as disciplinas, com o objetivo de despertar no aluno o seu senso crítico e o entendimento de que ele é um ser participante na modificação de toda a estrutura ambiental do nosso planeta, relacionando à natureza e à sociedade. Mas, para que isso de fato aconteça, professores, pedagogos e toda comunidade escolar precisam ter habilidades para trabalhar a temática da EA a partir do entendimento que as crianças têm de meio ambiente e possibilitar atividades desafiadoras que estimulem e interessem as crianças.

Podemos citar o trabalho realizado pelos autores acima, Alves e Saheb (2013), como bom exemplo de práticas que relacionam a educação ambiental na educação infantil.

Os autores desenvolveram um projeto que problematizou as práticas de EA na Educação Infantil. Essa pesquisa teve como característica os pensamentos dos docentes e suas ações relacionadas com a prática pedagógica sobre essa temática na Educação Infantil. Dessa forma, eles utilizaram uma pesquisa de cunho qualitativo, elaborada por meio de observação,

questionário com os docentes e análise documental e realizada na rede pública de Curitiba, Paraná. Como resultado, eles identificaram que todos os docentes trabalhavam com EA em suas determinadas turmas, realizando, principalmente, atividades voltadas para a reutilização de materiais recicláveis para a confecção de objetos, como, por exemplo, brinquedos. Dentre outras atividades voltadas para a preservação, como observação da natureza e hortas. Essa pesquisa compreendeu que, por mais que fossem atividades lúdicas e didáticas, eram atividades muito conservacionistas sobre as concepções de Educação Ambiental e não levava as crianças a questionarem e refletirem sobre o espaço ao seu redor, assim, não utilizando práticas que desafiassem e motivassem questionamentos.

Podemos observar um bom exemplo dessas práticas desafiadoras analisando o trabalho das autoras Barros e Tozoni-Reis (2009), que foi desenvolvido na pré-escola de uma escola municipal de São Paulo com o objetivo de realizar um mapeamento ambiental com as crianças a partir de uma metodologia de ação-participativa, buscando soluções de problemas que aquele determinado grupo vivenciava. Dessa forma, elas selecionaram alguns problemas ambientais existentes na escola e em torno dela, para que os alunos, de forma coletiva, buscassem compreensão e soluções para eles. Segundo as autoras,

a busca de soluções para os problemas ambientais pode acontecer, primeiro, com os relacionados a uma localidade mais próxima dos envolvidos, no espaço cotidiano, como a própria casa, a rua, o bairro, a escola, o local de trabalho, a praça, para só depois englobar o município, o Estado, o país e o mundo. Isto porque a EA envolve todas estas escalas, sendo impossível pensar as questões ambientais somente no nível nacional ou global. (BARROS; TOZONI-REIS, 2009, p. 136).

Ou seja, a educação ambiental é um processo permanente e contínuo, que não se limita à educação escolar, mas se ela for introduzida desde a educação infantil, pode ser uma das estratégias para ampliar o seu desenvolvimento.

A EA introduzida na EI, respeitando e seguindo seus princípios, pode gerar mudanças de pensamentos e transformações de valores que serão de grande importância para promover uma nova postura diante do meio em que vivemos, entendendo, então, que é na Educação Infantil que ocorre o início do processo de desenvolvimento moral e intelectual da criança, que vai afetar toda sua vida social, ambiental e cultural. É extremamente necessário o desenvolvimento de práticas com efeitos políticos e sociais que serão de grande interesse para tomadas de decisão na vida dessa criança, que já é um sujeito detentor de direitos e deveres.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 2009, explicitam a importância de se trabalhar a EA, cumprindo o princípio de respeito ético, político e estético ao meio ambiente, como afirma o Art. 6º da seguinte forma:

as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: I - Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; II - Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; III - Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009, p. 19).

Ou seja, precisamos desenvolver a EA como prática educativa integrada, contínua e permanente desde a primeira etapa da Educação Básica, visto que a criança, por meio da sua curiosidade, busca desenvolver cada vez mais sua forma de agir e de pensar, se tornando um ser participante e transformador diante das situações de seu cotidiano e de uma aprendizagem significativa para que a mudança, de fato, aconteça, auxiliando, desde o início, na construção de um pensamento crítico e questionador da criança.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nessa presente seção, trago a contação de história na etapa da educação infantil, a partir da análise dos seguintes tópicos: A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil, o professor contador de história e porque ensinar Educação Ambiental, a partir de contações de história, também no contexto da Educação Infantil.

Segundo Souza e Bernardino (2011, p. 237), “a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental.” A preocupação com a formação da criança como um indivíduo crítico através da educação e em tornar essa criança um cidadão responsável e atuante na sociedade se inicia na educação infantil, onde os primeiros hábitos e ações começam a surgir, fazendo com que as crianças interajam socialmente, desenvolvendo sua aprendizagem. Neste momento, a oralidade começa a se desenvolver com mais facilidade, auxiliando na comunicação e nas expressões sociais. Por isso, contar histórias é tão importante, pois proporciona à criança criatividade e imaginação e auxilia em todas as etapas do início do seu desenvolvimento social. Pensando nisso, sigo, também, os pensamentos de Coelho (2000), para colaborar nas reflexões sobre a literatura infantil.

Estamos com aqueles que dizem: sim a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade, em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro ou seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000, p. 8).

Proporcionar às crianças o universo da narrativa pode ser um poderoso instrumento para promover o gosto e o hábito da leitura, além da ampliação das experiências sociais, do desenvolvimento da imaginação e da capacidade de escutar e dar sequência lógica aos fatos, auxiliando na interpretação dos acontecimentos e podendo ajudar a desenvolver hábitos e transformar ambientes. Pensando neste contexto, optamos por trabalhar a contação de história como ferramenta dentro do processo de abordagem da EA na Educação Infantil.

A contação de história e as contribuições que ela possibilita para o desenvolvimento da criança já foi alvo de diversas pesquisas e publicações pelos estudiosos da área, isso porque ela envolve uma série de fatores que auxiliam diretamente na formação humana e no desenvolvimento do senso crítico, já que a contação de história é uma das melhores formas de proporcionar à criança visões de mundo diferentes, enriquecer as suas perspectivas e auxiliar na construção do seu imaginário e da sua criatividade.

A literatura infantil muitas vezes é enxergada erroneamente como uma distração para as crianças ou uma forma de ajudar os pais na hora das crianças dormirem. E, na verdade, a literatura é instrumento extremamente importante para a criança, seja na introdução à leitura e à escrita, seja ajudando, como citado no parágrafo acima, no desenvolvimento da criticidade das crianças ou auxiliando na sua formação cognitiva. Por isso, instruir a família quanto à importância dessa prática, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, é etapa fundamental no trabalho da contação de história. O incentivo à literatura precisa surgir em todos os contextos sociais em que essa criança está inserida, principalmente nessa fase da Educação Infantil, pois, nesse momento, estão desenvolvendo a oralidade e ainda estão iniciando o processo da alfabetização.

Mesmo sendo um trajeto de parceria com a família, a escola, por sua vez, tem um papel de destaque no processo de inserir a criança no mundo da literatura: muitas das vezes é nesse ambiente em que a criança tem contato pela primeira vez com o livro e sua importância, assim, a escola tem o dever de despertar esse interesse pela leitura na criança desde os primeiros momentos no ambiente escolar e em todas as faixas etárias. No caso na Educação Infantil, o professor precisa ter o cuidado para manter esse momento o mais prazeroso possível, buscando estratégias no espaço físico, na oralidade, gestos, entre outras formas de ganhar a atenção e o interesse da criança para esse momento, criando mecanismos para auxiliar a construção desse ser que busca pelo saber, que questiona e que tem amplas possibilidades de aprender. Assim, como diz Lorieri (2002, p. 42), “as crianças são filósofas por excelência; crianças bem pequenas questionam e pensam na existência das coisas”.

A criança é um ser múltiplo e cada uma é detentora de suas particularidades oriundas de sua cultura, sua realidade e suas inserções sociais. Cada uma dessas particularidades precisa ser aprimorada, desenvolvida e construída durante o processo educacional e é papel da escola proporcionar isso para a criança desde o início da sua escolarização. A contação de história, mais uma vez, pode e deve ser utilizada como ferramenta durante esse processo. Gadotti e Romão (2004, p. 30) trazem uma fala muito interessante a respeito do papel da escola e asseguram que “desenvolver, desde cedo, a capacidade de pensar crítica e autonomamente, desenvolver a capacidade de cada um tomar suas decisões, é papel fundamental da educação para a cidadania”. É exatamente esse o papel da Educação: formar cidadãos autônomos e capazes de desenvolver reações corretas de acordo com cada situação do seu cotidiano.

Sendo assim, podemos entender que o hábito pela leitura é uma prática que deve ser incentivada desde muito cedo na vida das crianças e a contação de história aparece como

principal ponte para a introdução a esse processo, que tem sua importância não somente na escola, mas também em seu ambiente familiar, para que essa prática seja desenvolvida de forma plena, tanto pelos professores como por toda a comunidade escolar, devendo ser mantida durante todo o processo de escolarização. Cabe ressaltar a parcela de responsabilidade direcionada aos professores e à escola, pois são eles os principais instrumentos, fundamentais no direcionamento e no incentivo, desenvolvendo, dessa forma, uma “fagulha” de criticidade, curiosidade e criatividade – elementos que devem ser valorizados cada vez mais pelas escolas e pelos seus professores, com o objetivo de tornar seus alunos protagonistas de suas ideias e defensores de suas opiniões, futuros cidadãos detentores de seus direitos e deveres.

3.1 A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil

Por muitos anos, o ato de contar histórias no ambiente escolar era tido como uma simples forma de entreter, manter a calma e o controle da criança e até relaxar o ambiente. E, até hoje, em algumas instituições ainda funciona dessa forma. A contação de história é tudo isso, mas ela vai muito mais além do que somente entreter e manter a atenção da criança. Por meio de relatos durante conversas informais com outros educadores e de minhas visitas a bibliotecas ou feiras de livros, observei que a figura do contador de história ou do professor/contador de história e sua importância no contexto educacional e emocional das crianças tem crescido. Pude constatar, também, a partir das minhas leituras, que, hoje, esse costume antigo de tradição oral vem sendo usado cada vez mais como estratégia para o desenvolvimento da linguagem da criança, seja ela escrita ou oral, e sua formação como futura leitora passa diretamente pela atividade inicial do escutar e do recontar histórias.

As autoras Souza e Bernardino (2011, p. 235) trazem a seguinte reflexão sobre o tema:

a escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.

A partir dessa reflexão, somada às leituras e citações anteriores, podemos entender que a contação de história pode ser usada como estratégia pedagógica e que pode vir a favorecer

de forma significativa o trabalho do professor na Educação Infantil e, também, no Ensino Fundamental. A escuta de histórias na rotina da criança estimula, educa, instrui e auxilia na construção de habilidades cognitivas, além de dinamizar o desenvolvimento do processo de leitura e escrita. Juntamente com toda essa estrutura, ainda é uma atividade muito interativa que potencializa a linguagem oral da criança. Por meio da minha experiência em sala de aula, pude observar que a ludicidade com danças, jogos e brincadeiras no processo ensino-aprendizagem auxilia muito no processo de desenvolvimento da criança. Isso também acontece a partir da contação de história, que, além de possibilitar à criança todo esse processo, auxilia na autoexpressão e na interpretação da linguagem. Dessa forma, a criança sente-se estimulada e, sem perceber, a partir da sua rotina, vai construindo seu conhecimento sobre o mundo diante do divertimento e das maravilhas que a contação de história permite.

“A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (BRASIL, 1998b, p. 145). Com a análise dessa citação, podemos observar que, dentro de cada história, encontramos elementos que auxiliam diretamente na linguagem oral, um dos pontos principais do processo de socialização na etapa da Educação Infantil. As histórias apresentam personagens, eventos, ações, sucessões de fatos e complexidade e, a partir da regularidade dessas contações, a compreensão da criança vai aumentando, facilitando o desenvolvimento da linguagem, partindo de questionamentos, da curiosidade e da criação/recriação das histórias inventadas pela própria criança, assim, contribuindo diretamente para habilidades linguísticas. Esse conhecimento adquirido pela criança em idade pré-escolar das competências da socialização e da linguagem oral a partir da contação de história será fundamental na fase de alfabetização. “A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura.” (BRASIL, 1998b, p. 141).

Entender a iniciação literária desde a etapa da Educação Infantil como uma ferramenta pedagógica que irá caminhar junto da criança por todo o processo de escolarização, principalmente no processo de alfabetização e letramento, é fundamental para o efetivo sucesso do processo de trabalho da EI. Livros e imagens, com ou sem textos, e o trabalho com a contação de história podem ser uma estratégia de avanço muito grande na aquisição da leitura para além da codificação e da decodificação, quando essa criança estiver em idade regular para tal processo. Conforme cita Bamberger (1995, p. 13), “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Além disso, na interação com as histórias, a criança aprende a despertar emoções como se estivesse vivendo naquele momento e estes sentimentos são extremamente significativos e permitem que, por meio da imaginação vivenciada pela contação de história, ela exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu cotidiano. Esta interação ainda estimula outros elementos das ações da rotina da criança, como o pensamento, o desenho, a brincadeira, o manuseio de livros e, assim, desenvolvendo nela o hábito de ouvir e contar histórias. Esse hábito de ouvir, muitas vezes, se repete; a criança solicita ouvir a mesma história e essa ação de repetição é muito positiva, pois, toda vez que ela escuta, ela observa algo novo, alguma atitude ou ação que vai despertar nela um novo ponto de vista.

Ouvir histórias desperta o pensamento narrativo e pensar coexiste, também, como pensamento lógico e criativo, ligado diretamente à subjetividade, à criatividade e ao emocional da criança, possibilitando, assim, o surgimento de situações em que o sujeito busca compreender a partir do simbolismo que a história traz para ele. Sendo assim, a contação de história favorece muito o simbolismo no desenvolvimento da criança, que, enquanto cresce, vai construindo a sua identidade como leitor. Segundo Abramovich (1997, p. 12), “o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.” E a escola tem grande responsabilidade no processo da construção do hábito de leitura. O sistema educativo deve ajudar e promover contos que mostrem a pluricultura, resgatando todo tipo de história e dando acesso a essa criança, proporcionando a oportunidade de conhecer culturas, lugares, raças e qualquer outra forma que possa resgatar e auxiliar na construção e na formação desse sujeito.

3.2 A contação de história: fortalecendo o letramento e a futura aquisição da leitura e da escrita

Durante as práticas pedagógicas nas salas de aula, é necessário desenvolver atividades que promovam o letramento, referindo-se às articulações técnicas, sociais e culturais e ao aprendizado da criança. Dessa maneira, proporcionar à criança um espaço alfabetizador e atividades que promovam o letramento é proporcionar uma educação libertadora que deve ser realizada desde a etapa da Educação Infantil, pois precede o trabalho da alfabetização. Assegurar oportunidades para que as crianças usem de reflexões e compreendam a finalidade e a importância da leitura pode ser uma excelente forma de reconhecer o significado das vivências próprias, garantindo a formação cognitiva e o contexto social em que vive. No caso da Educação Infantil, essas práticas e atividades precisam levar em consideração a

consciência fonológica e desenvolver o conhecimento e a promoção das letras de forma leve e orgânica.

Assim, fazer a criança se encantar e convidá-la ao mundo da leitura deve ser realizado desde o início do processo de escolarização, criando interesses por determinados assuntos e gêneros, possibilitando o aluno a descobrir novas perspectivas e desenvolver o amor pela leitura. E esse encantamento pela leitura pode e deve anteceder a fase de alfabetização da criança. Para Magda Soares (1998, p. 47), alfabetização emprega-se com o sentido mais restritivo da ação de ensinar a ler e a escrever; o termo letramento refere-se ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita”.

Assim, de acordo com a citação acima, uma pessoa alfabetizada, que sabe ler e escrever, não necessariamente é uma pessoa letrada, pois, muitas das vezes, ela não faz o uso da prática social dessa leitura. Ou seja, mesmo lendo, não é capaz de compreender o que está escrito de forma plena, não identifica notícias em jornais, avisos, cartas ou não é capaz de escrever de forma compreensível. Ao contrário de uma pessoa que pode não ser alfabetizada, mas tendo contato com diversas formas de leitura e informações por meio de pessoas que leem para ela consegue identificar a função social da leitura em cada situação. Por isso, é tão importante que a leitura venha fazer parte da vida da criança o mais breve possível.

Uma criança pode ainda não ser alfabetizada, mas ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma o livro e finge que está lendo (e aqui de novo é interessante observar que, quando finge ler, usa as convenções e estruturas lingüísticas próprias da narrativa escrita), toma papel e lápis e “escreve” uma carta, uma história. Ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é, de certa forma, letrada, tem já um certo nível de letramento. Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido; tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama – é alfabetizada, mas não letrada. (SOARES, 1998, p. 36).

Pensando a partir dessa citação, entendemos que o letramento é a nova dimensão para que a criança entre no mundo da escrita. Levando em consideração todos os benefícios já mencionados anteriormente sobre a contação de história, como, por exemplo, a ampliação do vocabulário, o despertar da imaginação e o encantamento pela leitura, podemos entender a contação de história como uma grande ferramenta de introdução ao letramento e, também, para a futura introdução da leitura e da escrita. O professor precisa enxergar as possibilidades que a contação de história oferece ao seu aluno, refletindo todo o processo desde o início, ao

selecionar a obra escolhida, a qualidade da literatura e a faixa etária das crianças, pois o professor serve como modelo de leitor para essa criança que ainda não é alfabetizada. A partir da leitura que se proporciona o espaço alfabetizador e toda narrativa construída diante desse momento que a contribuição para um mundo de encantamento, fantasias e criatividade acontece. Segundo Machado (1992, p. 109),

é preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado, que longe de ser ilusão, esse maravilhoso nos coloca em contato com valores humanos, trazendo em sua natureza a experiência humana relatada em cada momento histórico de diferentes culturas. As formas narrativas, o mito, a lenda, a saga e o conto maravilhoso falam do trabalho criador da imaginação humana.

Sendo assim, ofertar à criança atividades, como a contação de história, que possibilitem à ela o contato direto com o universo da leitura e da escrita é contribuir de forma lúdica e com significado no processo de letramento e alfabetização dessa criança.

3.3 O professor contador de história na Educação Infantil

O docente como ponte entre a criança e a história precisa incluir a história no seu planejamento e dedicar períodos da rotina da criança para esse momento. Trazer para dentro do ambiente escolar o encantamento e o prazer pela leitura, formando crianças que gostem de ler e que tenham a paixão pelo ato de conhecer, além de despertar novas emoções. É papel fundamental do professor auxiliar na construção desse hábito em uma geração de leitores e ver, na literatura infantil, um meio de interação e de diversão. O epistemólogo e famoso pesquisador Jean Piaget (1896-1980) já dizia que quando a criança está em contato com experiências novas, sejam elas ouvindo ou vendo coisas que, para essa criança, são novidades, acaba sendo inserida em novas estruturas e novos conteúdos cognitivos e somando a conteúdos que já possuía anteriormente, dessa forma, aumentando seu conhecimento e construindo novos significados. E o professor tem papel primordial nesse processo de ampliar as possibilidades de conhecimento da criança.

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (BRASIL, 1998b, p. 143).

Assim, o professor pode dar outro final para histórias que as crianças já conhecem, modificar, deixar que as crianças criem outro final ou outra etapa da história, pois quando a

criança conta uma história, ela, muitas vezes, estabelece uma relação entre ficção e realidade. Recontar histórias é uma das atividades que pode ser desenvolvida pelo professor juntamente com as crianças reconstruindo um texto. Mesmo que ainda não sejam crianças leitoras e alfabetizadas, o professor está ali para auxiliar essa construção, além dessas crianças, que ainda estão na pré-escola, poderem apoiar-se nas ilustrações e na linguagem oral do professor, que deve promover situações para que as crianças compreendam as relações em que se fala no texto e o que está descrito nas imagens. Ou seja, o professor conta a história, as crianças escutam, observam as imagens e conseguem recriar as histórias, às vezes alterando e às vezes seguindo a mesma linha contada pelo professor. Por isso, é importante contar as histórias com ritmo, interpretação e ludicidade, pois serão reproduzidas dessa forma pelas crianças. Como já vimos nos escritos acima, que o lúdico é de extrema importância na Educação Infantil e em todo o processo de escolarização e que é ele o caminho que enriquece os procedimentos criativos fortalecendo a capacidade de socialização e interação da criança, deve-se manter e enfatizar sempre essa ludicidade nas contações de história.

Segundo a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga e contadora de histórias Abramovich (1997), o preparo e a dedicação do professor/contador de histórias se referem a alguns pontos como: a) saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; b) conhecer detalhadamente a história que contará; c) preparar o início e o fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; d) evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; e) mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto e, por consequência, o ato de ler; e, por último, f) saber usar as possibilidades da voz, variando a intensidade e a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Pensado a partir desses aspectos, que devem ser levados em consideração para o sucesso da contação de história em sala de aula – assim como espaço físico do ambiente, expressões, interpretação e gestos que devem ser utilizados pelo professor/contador, que durante a contação precisa imitar personagens, fazer mudanças de voz e diferentes entonações – e que, para tornar essa contação produtiva e reter a atenção das crianças, é preciso um ambiente harmonioso e acolhedor para tal ação – entre outros pontos, como contação de história com dedoches e fantoches, utilização de música e exposição dos livros, que devem ser realizados para que os pequenos tenham o melhor do nosso trabalho –, me pergunto se os professores da Educação Infantil, sejam da rede municipal de Duque de Caxias, em especial da Creche Centro de Atendimento à Infância Caxiense Campos Elíseos (CCAIC Campos

Elíseos), ao qual está sendo realizada essa referida pesquisa, sejam professores que atuam na Educação Infantil em geral, têm preparo e formação suficiente para o desenvolvimento dessa prática tão importante para a criança.

A escritora, autora e mediadora de projetos sobre a oralidade Cléo Busatto (2003) percebe que o professor/contador deve entender e descobrir as razões por qual conta a história e o contexto ao qual a criança está inserida. Dessa forma, penso e reflito acerca da formação do professor sobre a abordagem da contação de história e sobre a importância de ela ser aplicada buscando uma intenção. Sendo esse um dos pontos dessa pesquisa, trago, também, a fala da autora Chimentão (2009) a respeito da importância da formação do professor e de sua constante atualização:

a formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos. Ressaltamos que a formação continuada não descarta a necessidade de uma boa formação inicial, mas para aqueles profissionais que já estão atuando, há pouco ou muito tempo, ela se faz relevante, uma vez que o avanço dos conhecimentos, tecnologias e as novas exigências do meio social e político impõem ao profissional, à escola e às instituições formadoras, a continuidade, o aperfeiçoamento da formação profissional. (CHIMENTÃO, 2009, p. 3).

Por isso, é indispensável que a formação do professor como contador de histórias seja valorizada, pois, para que o educador possa levar os benefícios dessa prática para a criança, ele precisa ter pleno conhecimento e deve saber utilizá-la de forma correta, sempre com o objetivo de buscar uma melhor qualidade de ensino para a criança.

3.4 Por que ensinar Educação Ambiental a partir da contação de história na etapa da Educação Infantil?

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação escolar e inserir a Educação Ambiental na realidade da Educação Infantil por meio do desenvolvimento de temáticas com atividades práticas e didáticas, como a contação de história, a fim de que a criança desenvolva conhecimento dos problemas ambientais do seu contexto e, dessa forma, desperte seu senso crítico e seu interesse para os conceitos ambientais, é extremamente relevante quando ligamos os pontos principais que envolvem essa questão, Educação Ambiental e Educação Infantil. Segundo Souza e Bernardino (2011, p. 8),

textos literários na educação ambiental são muito significativos, pois proporcionam às crianças a oportunidade de conversar sobre a preservação

da natureza, se estendendo aos cuidados que se deve ter com animais domésticos e a atividade de confeccionar livros com papéis reciclados, retalhos e outros materiais reaproveitados exercitam não só a educação ambiental, mas também a criatividade dos alunos, explorando o interesse pelas artes e por atividades estéticas.

Sabendo que a contação de histórias facilita na aquisição de novos conhecimentos sobre a natureza, animais, plantas e ciências, podemos juntar isso com outros pontos que já foram levantados, como o despertar da curiosidade, o desejo por explorar ambientes, a comunicação, o desenvolvimento da linguagem oral e a imaginação, e, a partir daí, desenvolver algo de extrema importância para qualquer sujeito e que, se construído desde a infância, tem ainda mais poder e relevância na construção da sua identidade, que é o pensamento crítico, neste caso, a criticidade sobre as questões ambientais, ou seja, a abordagem do início da Educação Ambiental crítica por meio do despertar da contação de história.

As mudanças na sociedade a partir dos anos 60 é notória e a visão que tínhamos sobre o meio ambiente se tornou cada vez mais fragmentada diante de uma sociedade separada por classes sociais, onde a elite capitalista, detentora do poder econômico, preocupa-se com apenas o que é de seu interesse, sem se manifestar sobre as consequências que os atos venham ocasionando no planeta, de forma coletiva. Essa visão fragmentada se reflete no campo da Educação Ambiental, onde o conhecimento ocorre de forma fracionada e limitada, impossibilitando os sujeitos a compreenderem e formarem seu senso crítico sobre determinados conteúdos e assuntos que são e devem ser de interesse deles. Assim, o sujeito perde a visão do todo, vendo apenas partes desconectadas, tornando-se muito complexo fazer relações com o todo sem partir de um dos pontos mais importantes que é o próprio contexto socioambiental em que vive.

Os especialistas em Educação Ambiental Schünemann e Rosa (2010, p. 122) trazem essa seguinte fala:

a escola é o espaço onde a criança inicia o seu processo de interação com a sociedade, o que nela se faz, se diz e se valoriza, representa um exemplo daquilo que a sociedade aprova. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para formação de cidadãos responsáveis.

Pensando dessa forma, surge a necessidade de modificações nesse quadro da Educação Ambiental, buscando uma melhoria na qualidade de vida para todos, pensando de forma coletiva, mas com o entendimento de que somos todos seres atuantes e participativos do ambiente no qual estamos inseridos. E sabendo que a Educação Infantil é o começo da vida

escolar de todos, onde se aprende a interagir, socializar e formar valores que se leva para a vida toda, se torna o momento certo para iniciar a construção de um pensamento crítico voltado para a Educação Ambiental, pois a criança está sempre disposta a aprender e devemos aproveitar que a EA está presente em todas as fases da vida e, assim, todos os seus elementos formadores estarão ativos durante toda a vida pessoal e escolar dessa criança, ajudando na construção de sujeitos conscientes de suas responsabilidades, que certamente, no futuro, serão adultos mais ativos e participativos no meio em que vivem. Dessa forma, iniciar um trabalho ambiental por intermédio da inserção da EA no cotidiano da EI irá auxiliar para que, no futuro, essas crianças façam parte de uma sociedade mais justa para todas as formas de vida no planeta.

Ainda segundo Schünemann e Rosa (2010, p. 130),

é possível afirmar que é viável e importante o desenvolvimento desse tipo de trabalho com Educação Ambiental, tendo em vista que os alunos, demonstram curiosidade, interesse e muita vontade de aprender e ampliar seus conhecimentos. Além disso, nessa etapa da vida escolar, a escola e as famílias estão muito mais ligadas. Trabalhando com os alunos, consegue se alcançar as famílias e dessa forma o resultado é ainda mais positivo.

Ou seja, buscar o quanto antes instruir os sujeitos para alcançar uma forma de vida igualitária e sustentável para o nosso planeta. Respeitar a natureza e realizar mudanças nas atitudes desde a etapa da Educação Infantil são fundamentais, pois é uma aprendizagem que além de interdisciplinar será levada por toda a vida. Sobre isso, Cardoso e Farias (2016, p. 2) dizem:

o ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente, assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento como comparação, raciocínio lógico, pensamento hipotético e convergente e divergente. A organização geral dos enredos possui um conteúdo moral que colabora para a formação ética e cidadã das crianças.

Pensando nisso e inspirada pelos escritos de Cardoso e Farias (2016), entendo a contação de histórias como uma possível ferramenta para introduzir e desenvolver práticas de Educação Ambiental, levando em conta toda a importância que essa abordagem tem na rotina da etapa da Educação Infantil juntamente com a relevância de desenvolver um senso crítico voltado para as questões socioambientais nas crianças, respeitando sempre sua realidade, sua faixa etária e suas necessidades no contexto ao qual estão inseridas.

3.5 Métodos e técnicas de contação de história na Educação Infantil

O compromisso com a qualidade da contação de história precisa ser entendido como ponto fundamental para o sucesso desse momento. O professor contador de história precisa estar atento à realidade e ao interesse que a criança apresenta para buscar técnicas e recursos diversos para manter a atenção e o entretenimento dessa criança. A contação deve conter alguns pontos essenciais, como, por exemplo, o professor precisa conhecer a história a ser contada, escolher ou preparar um espaço acolhedor para esse momento, fazer bom uso de sua voz – já que é ela quem proporciona a emoção da história – e promover o encantamento e o divertimento da história, possibilitando, assim, as emoções envolvidas. Assim, como pontua Dohme (2013), afirmando que despertar o interesse e prender a atenção de modo a oferecer cultura e informação com emoção, o que possibilita o desenvolvimento de uma formação harmoniosa da cidadania do amanhã.

Logo, o papel do professor contador de história se torna muito relevante e as técnicas para que esse momento tenha o máximo de qualidade também. Segundo Abramovich (2009), é importante a criança ouvir histórias em qualquer idade, com o objetivo de encontrar sugestões para solucionar questões internas, pois, ao ouvir histórias, a criança consegue visualizar, descobrir e se entender dentro da narrativa.

É através da história que a criança vai encontrar outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. E ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 2009, p. 14-15).

Ou seja, ouvir e contar histórias despertam emoções e influenciam na forma que as crianças irão solucionar os conflitos em sua vida. Quando o professor usa a técnica de mudança e entonação de voz, o aluno consegue se enxergar mais próximo dessa narrativa. Outra forma de prender a atenção do aluno é usar de expressões e sons durante a contação de história, movimentando e entretendo o momento. Abramovich (2009, p. 15) expressa que “contar histórias é uma arte... tão linda!!!É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro..... Ela é o uso simples e harmônico da voz”.

Outro ponto que faz parte da técnica a ser usada é a escolha da narrativa, pois deve englobar a faixa etária e as vivências das crianças, estabelecendo vínculos e significados. Performances, espetáculos, músicas, danças, figurinos e sonoplastias também podem ser recursos usados para deixar a contação de história mais lúdica, dinâmica e divertida. Segundo Dohem (2013), o uso desses elementos norteará o contador de história, possibilitando usufruir de pontos essenciais da narrativa. Outros recursos como flanelógrafo, cartazes, roda de conversas e ilustrações também podem ser anexados ao final da contação, para que a criança coloque em prática e sequencie o que acabou de ouvir. O mais importante é saber que a criança tem uma grande imaginação, então, deve-se usufruir desses recursos e da imaginação da criança por meio de atividades que criem e recriem histórias para despertar o aprendizado do aluno.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia adotada para o desenvolvimento da presente pesquisa é a abordagem qualitativa que se desenvolve a partir de um estudo de caso. A escolha desse método tem o objetivo de buscar compreensão e interpretação mais conceitual, o que implica em observação e atuação direta com o sujeito da pesquisa (COELHO, 2017). Neste sentido, esse método oferece um repertório de experiências destinadas a superar a oposição sujeito/objeto, pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido no interior dos processos de produção coletiva do saber, visando seguir ações transformadoras. O processo dessa pesquisa começa com o questionamento do pesquisador buscando a resolução de um problema dentro de um contexto, neste caso, na etapa da Educação Infantil. Ou seja, o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa científica que analisa um fenômeno real considerando o contexto em que está inserido e as variáveis que o influenciam. Segundo Coelho (2017, p. 2),

um estudo de caso busca descrever e analisar uma situação ou um problema único, mas onde há diversas variáveis a serem investigadas. A partir da investigação de todas as variáveis, o pesquisador compila os resultados obtidos para formular conclusões sobre o tema. Deste modo, a utilidade do estudo de caso é mais clara em situações onde se quer utilizar um exemplo real para explicar um tema descrito na teoria ou quando se quer compreender as causas de algum fenômeno.

O uso do estudo de caso nesta pesquisa ocorreu devido sua categoria de investigação, que tem como objeto o aprofundamento sobre uma unidade de estudo específica: o sujeito da pesquisa – neste caso, os cinco educadores da creche. É uma metodologia em que o pesquisador explora um sistema delimitado, de acordo com o contexto social e real no qual o problema estudado está inserido, por meio de coleta de dados detalhada e aprofundada de todos os objetos de estudos necessários para uma pesquisa ampla e completa. A pesquisa também foi construída em etapas, de acordo com os seguintes tópicos: análise dos documentos oficiais da unidade (Projeto Político Pedagógico (PPP), projeto anual e projeto das turmas); busca por obras literárias que abordassem a Educação Ambiental; observação da frequência da contação de história na unidade (que está descrita de forma detalhada nos resultados); desenvolvimento de oficinas com os sujeitos da pesquisa; e aplicação do produto educacional.

Dessa forma, o estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos abordados pela pesquisa, suas diversidades e peculiaridades, que se tornam variáveis de

acordo com a realidade, contexto social e outros fatores determinantes no processo. É uma ferramenta muito importante e deve ser utilizada para entendermos motivos que levaram a determinada situação.

4.1 Análise de conteúdo

Foi realizada a escolha pela metodologia da análise de conteúdo, pois ela ocorre sobre várias mensagens, desde análise documental e obras literárias até entrevistas. O pesquisador, nesse caso, busca construir conhecimentos analisando o discurso dos sujeitos e a disposição dos termos utilizados por eles, como foi o caso das oficinas realizadas nesta pesquisa. Os temas ofertados foram resultados da análise das respostas em comum que os sujeitos responderam durante as entrevistas semiestruturadas. Assim, o pesquisador necessita utilizar métodos de análise de conteúdo que resultem em processos técnicos, não devendo apenas se preocupar com aspectos formais, mas levar em consideração, também, todo o contexto que envolve a pesquisa, buscando compreender o que há por trás das mensagens do locutor – neste caso, qual o contexto e o que levou esses sujeitos a pensarem e responderem dessas formas. Segundo Bardin (2009), em sua obra *Análise de conteúdo*, a definição dessa metodologia significa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que constroem a pesquisa, sendo essas comunicações análise de documentos, mensagens dos locutores e verdadeiros significados.

Dessa forma, essa análise pode ser realizada a partir da exploração de procedimentos como diários de campo, entrevistas, oficinas e ofertando diferentes hipóteses. Outra característica dessa metodologia é a categorização das etapas da pesquisa, organizando de forma dinâmica todo o processo dos resultados e do desenvolvimento.

4.2 Contexto da pesquisa

O campo empírico da pesquisa é uma creche municipal que atende crianças em risco nutricional no bairro de Campos Elíseos, localizada no 2º Distrito de Duque de Caxias, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O quadro de funcionários da creche conta com 4 professores, 1 gestora e 1 orientador educacional, compondo a equipe pedagógica da unidade. Além disso, a creche também conta com uma equipe de apoio que é composta por 9 agentes de creche, 2 auxiliares de serviços

gerais, 1 porteiro, 1 atendente, 2 merendeiras, 1 motorista do transporte escolar, 1 auxiliar de transporte e 2 auxiliares administrativos.

Em relação à estrutura física, a unidade é composta por 4 salas de aula, 1 parquinho – que fica localizado na parte superior da unidade – 1 refeitório, 4 banheiros – sendo 3 para uso dos alunos e 1 para funcionários – e, nos fundos da unidade, também existe um espaço utilizado para contação de histórias ao ar livre, já que lá tem uma árvore cuja copa proporciona uma bela sombra, tornando esse momento ainda mais aconchegante e especial. A creche conta também com 1 sala de gestão, 1 sala para planejamento dos professores e 1 secretaria, que fica na entrada para que os pais ou qualquer pessoa que precise de informação não tenha acesso aos alunos; para a segurança das próprias crianças, essa e outras modificações foram realizadas pela atual gestão.

Vale ressaltar que a creche funciona em uma casa adaptada e o prédio é locado para a Prefeitura de Duque de Caxias, apesar de não ser o ideal para funcionamento. Foram feitas adaptações pela atual gestão (2017 até o presente momento), que facilitou muito o trabalho perante o espaço físico da unidade – anteriormente, o acesso principal da creche era realizado por dentro de uma das salas de aula, ou seja, todos tinham que transitar o tempo todo por dentro de uma das salinhas, e a cozinha era no meio da creche, as crianças passavam ao lado do fogão, o que era um perigo imenso. A gestão atual solicitou as obras que foram realizadas tanto com recurso da prefeitura quanto com recurso da própria creche, que arrecadou por meio de festinhas na unidade, vendas de rifas e bazares. Hoje, mesmo que ainda tenha muita coisa para melhorar no espaço físico, as crianças estão seguras e as salas e todo o ambiente são confortáveis e propícios para desenvolver um trabalho adequado e de qualidade. O mobiliário da creche é adequado à faixa etária das crianças, as salas de aula contam com cantinhos específicos para o desenvolvimento delas, despertando autonomia e criatividade – um dos cantinhos é o cantinho da leitura, que dispõe de livros ao alcance das crianças e que foram catalogados e distribuídos nas salas de acordo com a indicação da faixa etária.

Atualmente, a creche atende um número total de 53 crianças na faixa etária de 3 a 5 anos. Durante o ano letivo normal, as crianças permanecem em atividade das 7h30 às 16h30, porém, por conta do protocolo sanitário vigente, respeitando o distanciamento necessário para a segurança das crianças e funcionários, somente uma turma está ficando integral, cumprindo o horário das 7h30 às 16h, isso porque as crianças precisam manter um distanciamento significativo na hora do soninho, que faz parte da rotina das crianças em horário integral. Dessa forma, com somente uma turma estando em horário integral, no momento do soninho, as crianças são divididas nas salas que atendem as outras turmas somente no primeiro turno.

A turma que está ficando integral na unidade é a turma 31, atende 3 alunos e são assistidos por uma professora e 3 auxiliares, pois demanda um trabalho maior no segundo turno, já que, ficando integral, além do horário de sono, as crianças também tomam banho na unidade e têm a oferta de mais duas refeições.

4.3 Contexto ao qual a creche está inserida

Campos Elíseos é o segundo distrito do município de Duque de Caxias (RJ). É um polo petroquímico e industrial, onde está localizada a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC), que é, hoje, a mais completa refinaria do sistema Petrobrás. O complexo industrial somente da REDUC é distribuído em uma área de mais de 13 km² e é responsável por cerca de 4,8 bilhões de reais por ano em impostos pagos ao governo. Diversos produtos são comercializados no local, como óleos básicos, parafinas, óleos combustíveis, diesel, gasolina, nafta, querosene de avião e até aguarrás. Além disso, a REDUC não é única empresa petroquímica da região, pois sua instalação influenciou muito o crescimento e fortalecimento desse polo petroquímico. Hoje, outras empresas ocupam o bairro, além de tanques de combustíveis e grandes depósitos de gases. Devido a esse crescimento, 76% das empresas do município, hoje, são ligadas ao setor químico (RIO DE JANEIRO, 2007).

Apesar desse crescimento industrial que trouxe bons indicadores econômicos para o município de Duque de Caxias, como, por exemplo, o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), Duque de Caxias ficou com o pior resultado em morbidade de crianças menores de 5 anos por diarreia dentre os 100 municípios mais populosos do Rio de Janeiro. (KRONEMBERGER, 2013, p. 20-22). Isso ocorreu porque existiu um desenvolvimento grande de população, mas não existia/existe um planejamento urbano para receber essa quantidade de pessoas, que, muitas, vezes vinham dos centros periféricos ou de outros estados para trabalhar na região. Justamente por essa grande quantidade de pessoas que chegavam na região para trabalhar e não encontravam infraestrutura urbana necessária e foram se estabelecendo em loteamentos e outras formas desordenadas de moradia, que, até hoje, nos bairros em torno da Refinaria, a população se encontra muito mais exposta a situações consideradas de risco e danosas à saúde, como habitações muito precárias, enchentes, falta de abastecimento de água tratada e de outras ações de saneamento básico que, somadas aos riscos de vazamentos de gases, óleos, efluentes industriais, contaminação de solo, cargas perigosas, dentre outros derivados, como oleodutos, podem causar incêndios e explosões, como já ocorreu no ano de 1972.

Essas situações podem ser e são consideradas desigualdades ambientais e apontadas, diversas vezes, como “injustiças sociais”. Segundo Raulino (2009, p. 31, grifo do autor), “*desigualdade ambiental* como não apenas a exposição de indivíduos a riscos ambientais, pois todos, de alguma maneira, sofrem algum tipo de desigualdade ambiental, mas uma forma mais específica, que é sua relação com outros tipos de desigualdades”.

Dessa forma, as pessoas que habitam nessa determinada região, além de sofrerem com as desigualdades ambientais por consequência do crescimento sem planejamento, ainda sofrem com outras formas de desigualdades, como sociais e de renda. Todas essas desigualdades relacionadas criam uma população com baixo poder aquisitivo, o que acaba desvalorizando o mercado imobiliário da região e, por esse motivo, podemos justificar a escolha de tantas empresas por essa região e por acolher tantos empreendimentos imobiliários de risco.

Esse conjunto de fatores reforça ainda mais o impacto ambiental que essa população absorve. Por isso, é tão importante enfatizar, desde o início da escolarização, os problemas da comunidade no entorno de onde a unidade está localizada e onde os alunos, em sua maioria, habitam. É necessário que o ambiente escolar seja entendido desde sempre, inclusive na Educação Infantil, como espaço democrático e de lutas e isso pode ocorrer de diversas formas, levando em consideração a faixa etária das crianças atendidas e a realidade local. Segundo Rios (2011, p. 28),

através dos currículos, por exemplo, legitimam-se (ou não) valores e significados; o senso comum pode ser questionado e novos conhecimentos construídos. É também na escola que se ratificam, ainda que de forma inconsciente, por meio de discursos instituídos e oficiais, estratégias de “despolitização” e “naturalização” de determinadas práticas sociais e políticas públicas, geradoras de desigualdade e degradação ambiental. Reconhecido o papel social da escola de legitimação ou de questionamento de discursos e práticas da sociedade, emerge a necessidade de refletir sobre os rumos e propósitos das posturas adotadas dentro da unidade escolar. Se por um lado não cabe à escola todo o poder de reescrever os caminhos de uma comunidade, por outro, não se pode ignorar a sua contribuição no processo de emancipação política e democratização dos processos decisórios de interesse coletivo. Se não for a escola um lugar para serem construídos valores coletivos e democráticos, para serem discutidos aspectos éticos e políticos da formação integral do estudante, qual será o lugar para fazê-lo?

Sendo assim, é necessário trabalhar as possibilidades desses espaços com toda a comunidade escolar, pais, responsáveis, professores, funcionários e alunos, para que todos se sintam capazes de explorar os problemas socioambientais ao seu redor. É preciso entender a Educação como um processo político e como principal forma de emancipação. Cabe ressaltar

que, na região de Campos Elíseos, o desenvolvimento e a sustentabilidade estão diretamente associados ao entendimento de cada sujeito social. “Nesse sentido, definem-se como sujeitos importantes na cena socioambiental da região: [...] as empresas com seus projetos de Responsabilidade Social e Educação Ambiental.” (LOUREIRO; FLORIANO, 2017, p. 5).

Muitos desses projetos que funcionam por meio de recursos financeiros das empresas petroquímicas têm parceria com escolas municipais da região, como é o caso da creche pesquisada, onde já existiu atendimento realizado por uma ONG financiada pela própria REDUC. Esses projetos, em sua grande maioria, funcionam como uma forma mínima, mas mínima mesmo, de compensação dessas empresas com a população local, além de esses projetos promoverem um discurso de desenvolvimento sustentável como forma de apaziguar todas essas desigualdades e injustiças ambientais, não contribuindo para a formação crítica e social dos sujeitos ativos daquela região.

Considerando, assim, as desigualdades e diversidades do bairro de Campos Elíseos e dos sujeitos que habitam em torno da REDUC e de todo o polo petroquímico, é imprescindível o desenvolvimento de uma Educação Ambiental crítica desde a etapa da Educação Infantil com o objetivo de enfatizar todos os processos sociais e as consequências daquele território na vida das pessoas, construindo atores ativos e participativos daquela comunidade, com direito de influenciar nas decisões de todas as questões socioambientais.

4.4 Sujeitos participantes

Os sujeitos da pesquisa são cinco educadores da unidade, sendo três professores, uma gestora e um orientador educacional e os identificaremos a partir dos seguintes códigos: P1, P2, P3, GE e OE. Quatro dos cinco cursaram ensino médio na modalidade formação de professores, todos possuem graduação em Pedagogia e a gestora da unidade, além da formação em Pedagogia, possui formação em Ciências Biológicas. Os três professores estão cursando, neste momento, a pós-graduação em Alfabetização e Letramento, da Universidade Uniabeu, o orientador educacional possui pós-graduação em Orientação Educacional e Pedagógica e a gestora possui pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar e, atualmente, é aluna de um programa de mestrado em Ensino das Ciências, da Universidade Unigranrio.

Sobre o tempo em que os sujeitos atuam na educação: um professor atua há três anos, uma professora atua há doze anos e a outra atua há vinte anos, sendo quinze anos na educação pública, o orientador educacional atua há quinze anos e a gestora da unidade há vinte e seis anos, sendo vinte anos de experiência no campo da gestão educacional.

Ao considerar o tema da presente investigação, a Educação Ambiental, quatro dos cinco entrevistados relatam conhecer pouco sobre o tema, principalmente dentro do campo da Educação Infantil.

O primeiro professor entrevistado, que identificaremos como P1, relata que nunca fez nenhum curso de complementação sobre Educação Ambiental e que tanto no ensino médio quanto na graduação pouco ouviu falar sobre o assunto. A segunda professora entrevistada, P2, diz que, na graduação, existia uma disciplina eletiva sobre educação ambiental, porém não era obrigatória e sim facultativa e que não tinha muito conhecimento sobre o tema, sendo o pouco que conhecia sobre educação ambiental, principalmente no campo da educação infantil, tinha conhecido através do projeto EDUC, projeto em parceria com a REDUC, que foi oferecido na unidade nos anos de 2017 até 2019.

A professora P3 relata que já fez um curso de extensão oferecido pela prefeitura de Duque de Caxias sobre EA, porém faz muitos anos e o que sabia sobre EA, até o momento, tinha um cunho muito conservacionista e tradicional e não conhecia nada sobre educação ambiental crítica. Segundo Layrargues (2002), a EA conservacionista se vincula à “pauta verde”, atuando, por exemplo, como trilhas interpretativas, dinâmicas, agroecológicas e de senso de percepção.

Quatro dos cinco entrevistados também citaram o projeto EDUC, que foi oferecido em parceria com a REDUC e atuou na creche de 2017 até 2019 com práticas de EA e que auxiliou bastante na introdução de práticas de educação ambiental na referida unidade, mesmo sendo práticas consideradas conservacionistas, foram uma das poucas práticas sobre educação ambiental abordadas na unidade nos anos em que o projeto atuou por lá.

O orientador da unidade, que identificamos como OE, também relatou que o pouco que conhecia sobre EA aprendeu por meio do projeto EDUC mencionado acima, que considerava o currículo sobre EA tanto no ensino médio quanto na graduação muito raso e defasado e que acreditava que deveriam se aprofundar mais sobre o tema.

Já a gestora da unidade citou a Educação Ambiental crítica, que, segundo Santos e Toschi (2015, p. 247), “é vista, muitas vezes, como sinônimo de: EA transformadora, popular, emancipatória e dialógica.” E ela traz como ponto importante a ser abordado com os alunos e professores da unidade e ainda ressaltou que só foi conhecer essa vertente crítica quando aprofundou seus estudos a partir de sua pesquisa para o mestrado na área da Educação Ambiental. Ou seja, podemos observar que todos os sujeitos reconhecem a importância de trabalhar a Educação Ambiental, é notório e explícito na fala de cada um deles, mas que a falta de conhecimento na área impede e limita que essa abordagem seja realizada com os

alunos de forma que garanta às crianças o desenvolvimento de um pensamento crítico para o contexto socioambiental no qual estão inseridos desde pequenos e, dessa forma, questionem e busquem soluções para diversos problemas sociais e ambientais que envolvem toda a localidade que a creche está localizada e onde moram todos os alunos.

4.5 Instrumentos e procedimentos

Para iniciar a pesquisa, foi necessário um processo de autorização extremamente importante para a segurança dos sujeitos, da unidade e, também, do pesquisador. Primeiramente, foi entregue ao Centro de Pesquisa Paulo Freire, setor responsável pelas pesquisas realizadas na rede municipal de Duque de Caxias, os documentos necessários para a realização da pesquisa na unidade. Esses documentos foram: documentos pessoais do pesquisador, termo de consentimento e imagem autorizados e assinados pelos sujeitos, carta de apresentação da Universidade Unigranrio assinada e autorizada pelo orientador da pesquisa, carta de apresentação do pesquisador, roteiro das entrevistas que iriam ser realizadas com os sujeitos, planejamento das oficinas que os sujeitos participariam e termo de nada opor da unidade. Depois que os documentos foram entregues ao setor responsável e autorizado, em seguida, veio a etapa de autorização do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), que autorizou através do número 48181921.8.0000.5283 e, assim, pude dar início à pesquisa de campo e ao estudo de caso da investigação.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em uma análise dos documentos da unidade, iniciando pelo Projeto Político Pedagógico da CCAIC Campos Elíseos, que logo na apresentação ressalta a importância do documento e da participação dos vários segmentos que compõem a definição e a organização do trabalho pedagógico da unidade. O referido documento pontua os três eixos da construção de um PPP de acordo com a Lei nº 9.394/96, como a flexibilidade, que está ligada diretamente à autonomia da escola.

Outro documento que foi analisado nesta etapa é o Projeto Institucional da Creche, intitulado de Despertando a Consciência Cidadã. O objetivo geral desse projeto é proporcionar o conhecimento e a conscientização de toda a comunidade escolar da creche acerca dos temas que envolvem o meio ambiente e cidadania, desenvolvendo a construção de atitudes para a preservação com desenvolvimento sustentável.

Também foram analisados os projetos das turmas da unidade, sendo o primeiro o projeto da turma 31: Todas as cores do mundo. O segundo projeto a ser analisado foi o da

turma 32: Do trem ao avião, dando asas à imaginação. O terceiro e último projeto foi o da turma 41: Identidade.

A segunda etapa da pesquisa ocorreu por meio da procura por literaturas infantis e a observação da frequência da contação de história na rotina das crianças durante um período de dez dias. Busquei obras literárias que abordassem o tema sobre educação ambiental. O fato de todas as obras literárias da unidade serem catalogadas facilitou muito essa etapa e, ainda melhor, facilita muito o trabalho dos professores, pois conseguem identificar os temas abordados nas obras e, muitas vezes, desenvolvem o seu planejamento a partir da contação de história.

A terceira etapa da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada com todos os sujeitos da pesquisa: três professores, um orientador educacional e uma gestora. O roteiro da entrevista está disponível no Apêndice A. A entrevista foi muito esclarecedora em diversos pontos, onde pude entender a formação acadêmica de cada sujeito, que já foi mencionada na seção sobre os sujeitos participantes da pesquisa, mas vale ressaltar aqui que todos os professores são graduados e seguem se especializando. Além disso, a entrevista semiestruturada trouxe respostas para as perguntas mais direcionadas ao campo da educação ambiental crítica.

A partir do relato dos sujeitos da pesquisa, da observação em sala de aula e da análise dos documentos da unidade, foram realizadas três oficinas, que se caracterizam como a quarta etapa da pesquisa, com a intenção de ampliar os estudos sobre a abordagem de uma educação ambiental crítica. A primeira oficina foi realizada no dia 6 de agosto, durante o segundo momento do grupo de estudos da unidade, na própria creche, tendo o objetivo de proporcionar aos sujeitos da pesquisa o entendimento sobre a importância da abordagem da educação crítica.

A segunda oficina, que foi realizada no dia 25 de agosto de 2021, teve como objetivo o desenvolvimento da aula planejada na oficina anterior. E a última oficina foi realizada no dia 14 de setembro de 2021 com o objetivo de transmitir aos sujeitos da pesquisa métodos e técnicas sobre contação de história, as melhores maneiras de manter a atenção e o interesse da criança, como preparar o espaço físico do ambiente para que seja mais acolhedor para o momento de contação de história, as técnicas corporais para um bom professor/contador de história, bem como a escolha das narrativas que sejam mais adequadas à faixa etária das crianças.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: “CÉU AZUL, QUE FICOU CINZENTO” E GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIA

Nessa seção, serão apresentados os seguintes produtos educacionais: “Céu azul, que ficou cinzento ” (figura 1) e o guia de planejamento para o professor (figura 2).

“A leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, o ser humano é capaz de fazer interpretações das situações cotidianas antes mesmo de saber ler” (FREIRE, 2005).

Figura 1 – Céu azul, que ficou cinzento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 – Guia de orientação e planejamento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo Souza e Bernardino (2011, p. 238), “a iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código lingüístico.” Além da contação de história no contexto da Educação Infantil ser um instrumento facilitador para despertar a curiosidade, estimular a imaginação, desenvolver a autonomia, o pensamento crítico e questionador, proporciona vivenciar diversas emoções, como medo e alegria, e direciona a reflexão, ajudando a criança a resolver seus próprios conflitos.

A prática da contação de história socializa e diverte as crianças, ao mesmo tempo em que instrui e desenvolve conceitos extremamente importantes para a nossa sociedade. É uma ferramenta que motiva o interesse pela leitura, auxilia no desenvolvimento psicológico e amplia o vocabulário e os sentidos de ideias, além de somar muito à linguagem e ao pensamento da criança. Também acontece por meio da contação de história a descoberta e a construção da identidade e a introdução de hábitos e práticas que podem seguir com a criança para o resto da vida. Considerando as informações citadas acima e a minha prática na Educação Infantil, foi elaborado um livro paradidático que possa servir como uma ferramenta de introdução de práticas socioambientais que precisam ser trabalhadas desde o início do processo de escolarização, valorizando o momento da contação de histórias e anexando a extrema necessidade de se conduzir um trabalho voltado para a EA dentro das unidades de Educação Infantil.

Através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo historia, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Pensado na necessidade de desenvolver uma consciência crítica desde a primeira etapa da Educação Básica, que, de acordo com Carvalho (2004), deve contribuir para a formação de um sujeito ecológico, por meio da mudança de valores, atitudes e reorientação de modos de vida coletivos e individuais, a vertente da EA abordada no livro desenvolvido durante essa pesquisa – intitulado O Céu azul que ficou cinzento – irá propor incentivar a formação do cidadão crítico, para que possa ser capacitado a realizar reflexões sobre o seu local, o mundo e a interferir nele. Partindo do princípio de que a Educação Ambiental crítica precisa estar ligada a um entendimento mais amplo sobre a participação social e a emancipação socioambiental, a democracia sempre será uma das principais condições para a construção de uma verdadeira prática de sustentabilidade. E apesar de esses termos parecerem complexos

para serem abordados na faixa etária da Educação Infantil, é necessário que quanto antes essas práticas sejam inseridas nas vidas dessas crianças, melhor serão seus entendimentos sobre o tema, além de fazer parte da construção da identidade delas.

5.1 Ponto de partida

O livro intitulado “O Céu azul que ficou cinzento” trata-se de um livro paradidático que foi baseado em conflitos socioambientais existentes no entorno da creche e, dessa forma, no cotidiano da vida das crianças da creche que se localiza no bairro de Campos Elíseos, produzido no âmbito do curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências, da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO).

A ideia de escrever um livro paradidático surgiu, pois, a contação de história está presente na rotina das crianças da creche e é muito bem recebida por todas elas, fazendo desse momento um período muito esperado e valorizado por todas as crianças. Pensando nisso, abordar práticas de EA a partir da contação de história poderia facilitar muito o trabalho dos docentes, além de ser de fácil entendimento pelas crianças.

O objetivo foi a construção de um instrumento que possa ser utilizado como ferramenta de auxílio no desenvolvimento de práticas de EA crítica, sendo capaz de sensibilizar e incentivar no processo reflexivo das crianças e, também, da comunidade escolar local. Sendo assim, uma ferramenta de disseminação da EA atuando com o desafio de reestruturar as estratégias e métodos até então utilizados em uma EA conservadora. O livro foi construído a partir da observação e da análise de todas as etapas da pesquisa e dos problemas socioambientais existentes na localidade, considerando o olhar dos grupos envolvidos, sujeitos da pesquisa, alunos e comunidade escolar, pois é essencial compreender as representações sociais que englobam o pensar e o agir de todos esses grupos. Executado desta forma, o projeto do livro de EA estabelecerá subsídios necessários para que os envolvidos possam se situar como cidadãos integrantes de um meio social e natural, haja vista que o livro utilizará de situações relacionadas ao cotidiano das crianças. Paralelo com a construção do livro, foi pensando um material que pudesse servir como instrumento de apoio ao docente. De acordo com as entrevistas, pudemos observar a dificuldade dos professores em abordar a EA, principalmente no contexto da Educação infantil, como já foi citado em outros pontos da pesquisa. Levando em consideração esse fato, foi desenvolvido esse guia, que traz em seu conteúdo referências teóricas e práticas sobre contação de história e Educação Ambiental, assim como também traz uma análise sobre o contexto social do bairro de Campos Elíseos no

qual a creche pesquisada está localizada, assim como propostas de atividades para serem desenvolvidas com as crianças.

Além disso, o livro foi baseado nos seguintes pontos de foco: a faixa etária das crianças, de cinco anos de idade; o contexto social no qual a creche está inserida; os problemas ambientais e socioambientais existentes na localidade em que a unidade está localizada; a construção de uma consciência ecológica desde a etapa da Educação Infantil; e os apontamentos levantados pelos sujeitos durante as entrevistas semiestruturadas e nas oficinas.

5.2 Referencial teórico

A contação de histórias na educação infantil, como já foi mencionado anteriormente, funciona como instrumento auxiliador do desenvolvimento da criança e de suas emoções, possibilita a ampliação do vocabulário e de sua linguagem, dessa forma, ajudando a criança a resolver seus conflitos emocionais próprios, aliviando sobrecargas emocionais. Segundo Abramovich (1997, p. 22)

se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças).

Ou seja, é extremamente importante para a criança, mesmo que ainda não alfabetizada, estar envolvida no mundo da leitura para que esse hábito seja construído. E esse processo não está necessariamente ligado ao poder aquisitivo do sujeito, mas, sim, como e com que frequência a literatura é abordada a sua volta, sendo na família ou como são ofertadas durante sua escolarização. Desse modo, a escola passa a ser um dos espaços com maior incentivo à leitura, principalmente escolas/creches ou pré-escolas públicas, pois continuam sendo um dos principais meios de formar leitores críticos e colaboradores de suas comunidades. Por isso e por tantos outros pontos importantes citados no capítulo 3, que a literatura infantil desemborça um exercício de compreensão para diversos temas, servindo de ponto de partida para abordar inúmeros assuntos, como, por exemplo, a Educação Ambiental.

Sabemos que, para a construção do hábito de ler, é preciso que a leitura tenha significado e conexão com a realidade da criança. Segundo Peruzzo (2011, p. 3),

é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos. Para chegar à situação de um constante desenvolvimento de uma

cultura da leitura, é necessária uma conscientização da sua importância para a vida e para formação de um povo, porque não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores.

Assim, as leituras apresentadas e as histórias contadas precisam se fundamentar em contextos significativos à criança e não em contextos isolados, para que as concepções iniciais que essa criança irá construir envolvam as questões sociais e lhe permitam pensar e perceber o mundo a sua volta, contribuindo e enriquecendo as ações que serão tomadas em sua vida. Como nos aponta Betelheim (1980, p. 13),

para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

É na infância o período mais adequado para acontecer a maior concentração de incentivo à leitura, pois é necessário que se mostre à essa criança o que precisa ser feito, servindo de exemplo para que ela entenda a importância do leitor, buscando a função de tornar possível essa futura aprendizagem da criança que o adulto deve ler para ela, facilitando, assim, a entrada no mundo da leitura, a partir da contação de histórias.

Abramovich (1997, p. 23) diz que “o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor.” Dessa forma, ouvir histórias é necessário e extremamente importante para se conectar em um mundo de descobertas. Diante de toda complexidade e importância atreladas à contação de histórias, passamos a entendê-la como estratégia de incentivo à leitura, além de contribuir diretamente para práticas e atividades pedagógicas direcionadas que colaborem para a formação ética, crítica e emancipatória da criança. Como é o caso da Educação Ambiental.

5.2.1 A importância das histórias infantis

A contação de história é um instrumento muito importante no estímulo à leitura e pode ser um passaporte para despertar o senso crítico da criança. Os contadores de histórias são os professores durante esse processo, tendo uma tarefa muito importante que é de envolver a criança na história, dando vida aos sonhos e ao despertar das emoções, transportando para o mundo da fantasia e encantamento, ao mesmo tempo em que façam a criança refletir e se questionar sobre os temas abordados.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Antes mesmo do surgimento da escrita e da linguagem decodificada, o conhecimento é a partir da oralidade e, segundo a citação acima, é por meio dessas histórias que outros temas podem surgir de forma interdisciplinar, pois é através desses acontecimentos que podemos discutir outros fatos, acontecimentos, crenças, tradições e diversas possibilidades.

Nóbrega (2009, p. 20) demonstra que os contos partem de uma organização simples e dinâmica, “mantém uma estrutura fixa, partem de um problema vinculado à realidade que desequilibra a tranquilidade inicial, buscam soluções no plano da fantasia e necessitam de elementos mágicos para, enfim, trazer de volta a realidade”, dessa forma, pode possibilitar à criança interação com um planeta bem próximo de seu modo de percepção do mundo e sua realidade social.

Sendo assim, entendo que a prática de contar histórias é uma atividade lúdica, pois amplia os horizontes e as possibilidades de uma criança e, também, a interação que se estabelece que pode criar um vínculo precioso entre narrador e ouvinte, nesse caso, entre a criança e o professor por meio das histórias, podendo construir o aprendizado, além de ajudar os pequeninos a resolverem conflitos no cotidiano. Por isso, utilizar a contação de história como ferramenta de introdução às práticas de EA dentro do contexto da Educação Infantil pode ser muito satisfatória e positiva.

5.3 Equipe que auxiliou na execução do produto

Para a etapa da execução do processo da construção do livro tive o auxílio de um ilustrador e um revisor ortográfico, além do livro ter sido enviado para análise de publicação por uma editora após os resultados da aplicação.

5.4 Aplicação do produto educacional

Pensando na comunicação por meio da contação de história e de como esse processo pode servir de ponte de ligação entre a abordagem da Educação Ambiental crítica e a introdução de novas práticas de EA na creche, os sujeitos da pesquisa utilizaram essa prática que faz uso da linguagem imaginativa, aborda questionamentos e desenvolve muito a oralidade, que é a contação de história, para aplicar o produto educacional da pesquisa: o livro paradidático intitulado “O Céu azul que ficou cinzento”. Um livro rimado que apresenta mecanismos sobre a EA por meio de exploração, indagação e curiosidade da criança e leva a criança ouvinte da história a se enxergar com os mesmos questionamentos e reflexões do personagem, considerando o local ao qual a creche está inserida.

Foi distribuído para os três professores, para o orientador educacional e para a gestora o livro infantil “O Céu azul que ficou cinzento” e o guia sugestivo de orientações e propostas de atividades para serem desenvolvidas com as crianças.

A gestora e o orientador acompanharam os professores durante a aplicação do produto e compartilharam a leitura do livro. A primeira turma a aplicar o produto foi a turma 41, que atende crianças de quatro e cinco anos. A aplicação aconteceu na parte da manhã – logo depois da roda de conversa, que faz parte da rotina da turma. O professor escolheu a sala de aula para a contação de história, considerando que foi um dia chuvoso e frio e a área externa estava impossibilitada de ser usada, as crianças foram colocadas em meia lua, de forma bem aconchegante, em um momento muito acolhedor e gratificante para todos, e iniciou o processo de leitura seguindo a rotina da contação de história da turma, com música de iniciação e, em seguida, a história. As crianças prestaram atenção durante todo o tempo da contação da história e se encantaram com as ilustrações. Ao terminar, o professor levou as crianças para a frente da unidade e os incentivou a olharem para o céu e observarem as nuvens, as cores das nuvens, se existia alguma nuvem de poluição ou não, perguntou como se sentiam quando respiravam, se sentiam algum cheiro ou não e conversou sobre a importância de ter um ar limpo adequado para a nossa saúde.

A segunda turma a realizar a aplicação do produto foi a turma 31, a aplicação também aconteceu pela manhã, porém um pouco mais tarde, por volta das 9h, instantes antes das crianças irem para o momento do parquinho. A professora realizou a contação de história na sala de aula, contudo fez todo um planejamento do espaço, utilizando colchonetes e

escolhendo a melhor forma para que as crianças se acomodassem. A turma manteve a concentração e atenção durante toda a história. Nessa turma, a história foi compartilhada entre a professora e a gestora da unidade, que exerceram muito bem o que foi passado na oficina, sobre entonação da voz, gestos e formas de manter a criança cativada na história. Ao terminar a história, as crianças foram para o parquinho e a professora relatou que elas estavam brincando de fazer uma expedição para procurar poluição, da forma como é mostrada na história.

A última turma que realizou a contação de história do livro foi a turma 32. Essa turma é atendida no período da tarde e a contação de história ocorreu no meio da tarde, também na sala de aula da creche. As crianças mantiveram a atenção durante a história, que teve leitura compartilhada entre a professora e o orientador educacional. Após o término da história, que foi muito bem executada pelos sujeitos da pesquisa, as crianças também foram questionadas sobre a importância do ar limpo para a nossa saúde, quais são as coisas que poluem o nosso ar e o que deve ser feito para que isso não ocorra mais.

Sendo assim, a aplicação do produto foi realizada pelos sujeitos da pesquisa, conforme o planejamento, que validaram o produto a partir de um questionário no Google Forms, de maneira individual, sobre a participação da turma e seu posicionamento quanto ao produto educacional.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção, apontaremos os resultados e as discussões realizadas após o processo de pesquisa e a aplicação do produto educacional.

6.1 Primeira etapa da pesquisa: análise dos documentos da unidade

A primeira etapa da pesquisa a ser concluída foi a análise dos documentos da unidade, que iniciei pelo Projeto Político Pedagógico da creche. O PPP da unidade reforça a ideia do espaço escolar e da comunidade como um todo e a necessidade da cooperação de todos para a construção do PPP, considerando a competência técnica e política, no que se refere a planejar, a intenção de fazer e realizar na creche. Na dimensão pedagógica, reside todas as ações educativas e as características de organização da creche, a intencionalidade das ações e da formação de sujeitos cidadãos participativos, comprometidos socialmente, críticos e criativos. Observei a importância que o documento traz para que as dimensões políticas e pedagógicas caminhem sempre juntas.

Segundo a escrita do documento,

ao elaborar este documento buscamos destacar a função principal da nossa unidade que é cuidar e educar as crianças que são atendidas por nós, preservando seu bem-estar físico e estimulando seus aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Decidimos por uma fundamentação pedagógica que permita acompanhar nossas crianças em seu desenvolvimento considerando suas particularidades e ao mesmo tempo oferecendo suporte afetivo e educativo. (CCAICCE, 2021/2022).

De acordo com a citação acima, podemos analisar que o PPP da unidade traz a junção da afetividade, do educar, do cuidar e do brincar de forma única e indissociável, exatamente como deve acontecer na etapa da Educação Infantil.

Vale ressaltar que o PPP está atualizado, dessa forma, foi elaborado de acordo com o Protocolo de Retorno às Atividades Presenciais do Sistema de Ensino do Município de Duque de Caxias, que conta com medidas de restrição quanto à quantidade de alunos por sala, medidas de distanciamento e, também, novos hábitos de higiene que se fazem extremamente necessários nesse momento. Assim, momentos de acolhimento e afetividade, que são tão importantes na Educação Infantil e tão bem colocados no PPP e na rotina da unidade, estão acontecendo de forma diferenciada para o bem-estar e a saúde das crianças, funcionários e suas respectivas famílias.

Como já citado anteriormente, a creche é uma unidade diferenciada, pois atende crianças em risco nutricional e o acesso à vaga é feito de forma criteriosa, a partir de uma pesagem realizada pela Secretaria de Saúde, que identifica o risco nutricional dentro de certa porcentagem e concede a vaga, ou quando uma criança em risco social é selecionada pelo Ministério Público, conselho tutelar ou encaminhada pela Secretaria de Educação do município. Esse projeto, que conta com mais cinco unidades espalhadas pelo município de Duque de Caxias, segundo o PPP, foi inspirado pelas ações do Programa Fome Zero, que combate a fome, a pobreza e a desnutrição em nosso país e coordenado pela Pastoral da Criança, organismo da Igreja Católica, e pela Secretaria Municipal, visando atender aos anseios da comunidade de Campos Elíseos, voltado para a saúde e a educação de suas crianças, sendo inaugurado no dia 16 de outubro de 2006.

Ainda sobre a análise geral do documento, pude constatar que é um PPP muito bem organizado, elaborado e repleto de detalhes sobre a rotina das crianças, adaptações, mobiliário e materiais utilizados na creche. Sobre como é realizado o acolhimento das famílias – que é um ponto muito relevante a ser notado, já que as famílias das crianças fazem parte da comunidade escolar – e, também, como é realizado esse contato e essa relação que é muito próxima, como é o caso do levantamento diagnóstico que é realizado na unidade.

O levantamento diagnóstico tem sido construído na CCAIC através de conversas com os responsáveis em reuniões de pequenos grupos para o preenchimento do questionário social recomendado pela SME, através da observação atenta da equipe pedagógica: professores, estimuladoras, orientadora e direção, verificando as condições emocionais, físicas e de saúde das crianças. (CCAICCE 2021/2022).

Ou seja, não só por meio do levantamento diagnóstico, mas como em vários outros pontos observados, pude verificar que, de forma geral, o relacionamento da creche com as famílias das crianças é muito bom, uma parceria que auxilia diretamente no desenvolvimento delas.

Outros pontos, como, por exemplo, a visão social do espaço, o levantamento diagnóstico, a estrutura do prédio, as instalações, os recursos didáticos, humanos e financeiros, a divisão dos turnos de atendimento – que, nesse momento de pandemia, tem sido realizada de forma diferenciada, tendo somente uma turma em horário integral, de 7h30 às 16h, e as demais em meio período, de 7h30 às 11h30 –, as visões filosóficas da creche – que são pontuadas como “o que a creche pensa sobre a sociedade?”; “que sociedade querem

criar?"; "como podem ajudar nessa construção por meio das práticas desenvolvidas na creche?"; "qual é a creche que temos?"; "qual a creche e a escola que queremos?" – e os fundamentos socioantropológicos (realidade sociocultural) – o perfil da comunidade, a família dos alunos e a relação da creche com a família, que já foi um pouco mencionada anteriormente, os pontos positivos da creche, os pontos que ainda precisam melhorar, toda a visão epidemiológica e a importância da educação infantil – são pontos mencionados no PPP.

Vale destacar tópicos como a relação da criança com o conhecimento; os princípios educacionais; os fundamentos didáticos e pedagógicos; o currículo; a concepção de criança e infância; a concepção de aprendizagem, creche e pré-escola; as propostas pedagógicas; o planejamento pedagógico; a educação especial e inclusiva; as estratégias de trabalho; a organização das atividades; como é realizada a avaliação na educação infantil; o portfólio que a unidade apresenta todas as atividades integradas, rotina das crianças e eventos realizados na unidade; o perfil dos funcionários e educadores; as medidas em relação ao combate à evasão escolar; a administração da creche; e as ações e projetos interdisciplinares que existem na creche como relações étnico-raciais, educação ambiental e combate ao bullying e à violência. Esses pontos merecem ser citados devido à importância e à necessidade de enfatizar e detalhar no PPP da creche.

6.1.1 A Educação Ambiental nos documentos da creche

Logo nos primeiros parágrafos do tópico sobre a Educação Ambiental, contido no PPP da creche, é destacada a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, na qual dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, trazendo outras providências sobre a EA no currículo. Assim como essa lei, que orienta e estabelece que a EA seja desenvolvida na educação escolar, inclusive na Educação Infantil, o PPP também cita a Resolução nº 05, na qual foram fixadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que tiveram o objetivo de orientar as concepções e práticas pedagógicas na Educação Infantil. O PPP, nesse tópico de EA, também faz citação sobre as práticas pedagógicas da etapa da EI e como a criança deve vivenciar as experiências nessa fase.

De acordo com a DCNEIs, as práticas pedagógicas desta etapa devem ocorrer de modo a não fracionar a criança nas suas capacidades, de vivenciar experiências, no seu modo de ver e viver, percebendo-se como ser integrante do meio, como sujeito histórico em seu modo de construir

suas relações com a natureza, com o outro e consigo mesma, desenvolvendo-se em suas relações interpessoais, na relação com o corpo, com a oralidade, com o meio físico e natural, com as emoções e as demais relações com o mundo. (CCAICCE, 2021/2022).

Além disso, o documento também traz o apontamento do Art. 9º, que destaca os eixos norteadores que devem compor a proposta pedagógica da Educação Infantil e ressalta que as estruturas principais dessa etapa devem ser as interações e brincadeiras. Dentro desses eixos estruturantes precisa ser garantido à criança experiências diversas e com intencionalidade, para que ela se aproprie de conhecimentos e tenha garantia de acessos a diversos momentos diferentes. Dentre as práticas mencionadas no Art. 9º, o PPP destaca os incisos VIII e X, que são:

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza; X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; (BRASIL, 2009, não p.).

Outra importante política que é mencionada nesse tópico do PPP é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual estabelece os direitos de aprendizagem da criança e reconhece a EI como etapa principal da aprendizagem para as crianças de zero a cinco anos. Nesse documento, a EI é mencionada como parte principal da construção da subjetividade e da identidade da criança e, por isso, é citada nesse tópico. O projeto pedagógico da creche relata que as práticas pedagógicas sobre Educação Ambiental na Educação Infantil proporcionam à criança a chance de se ver parte de um contexto maior e se reconhecer como ser ativo na natureza, ampliando a construção dessa identidade citada acima e estabelecida pela BNCC. A criança percebe um olhar novo voltado ao entendimento da ligação do ser humano com o meio ambiente, alicerçando a construção de uma rede de relações que sustenta a vida de todo um planeta. O documento traz a seguinte informação:

é de suma importância que seja realizado um trabalho pedagógico que garanta às crianças experiências que incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação, o conhecimento delas em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza, bem como a não promoção da interação, o cuidado, a preservação, o conhecimento da biodiversidade, da sustentabilidade da vida na Terra, o não desperdício dos recursos naturais e todos os demais conflitos socioambientais existentes na localidade onde vivem. (CCAICCE, 2021/2022).

Seguindo ainda a citação acima, retirada do PPP da creche, juntamente com a

finalização do tópico que fala sobre EA – é mencionada a importância de abordar práticas sobre EA na etapa da Educação Infantil, considerando que é um tema sempre muito mencionado nas grandes mídias e que a creche está localizada em uma localidade com várias situações de degradação ambiental –, é de extrema necessidade que sejam desenvolvidas, com as crianças, atividades que abordem práticas de Educação Ambiental.

6.1.2 Projeto institucional da creche e projeto anual das turmas

Outro documento analisado nesta etapa foi o Projeto Institucional da creche, intitulado de “Despertando a Consciência Cidadã.” O objetivo geral desse projeto é proporcionar o conhecimento e a conscientização de toda a comunidade escolar da creche acerca dos temas que envolvem o meio ambiente e a cidadania, desenvolvendo a construção de atitudes para a preservação e com desenvolvimento sustentável. E os objetivos específicos são: despertar na comunidade escolar valores e ideias de preservação da natureza e senso de responsabilidade para com as gerações futuras; sensibilizar de forma lúdica sobre o uso sustentável dos recursos naturais através de suas próprias ações; conscientizar as crianças sobre a importância do meio ambiente e como o homem está inserido nele; estimular para que perceba a importância do homem na transformação do meio em que vive e o que as interferências negativas têm causado à natureza; e conscientizar sobre as diferentes formas de coleta e destino do lixo na escola, casa e espaço comum de todos.

O documento ainda traz a justificativa de que a criança está sempre disposta a aprender e deve-se aproveitar esta abertura para promover a Educação Ambiental, fazendo com que a criança entenda e aprenda a valorizar e amar a natureza e todos os elementos que a constitui, pois se desde de pequenos forem conscientizados acerca de suas responsabilidades, certamente serão adultos com mais clareza sobre o seu papel com o mundo, respeitando a si próprios, os seus semelhantes e todas as formas de vida existentes.

O Projeto Institucional da creche entende a Educação Ambiental como um processo contínuo e permanente e diz que introduzi-la na Educação Infantil é uma das estratégias para o pleno desenvolvimento da criança, além de ser uma importante ferramenta para outras práticas.

Atualmente, a unidade está atendendo três turmas que foram divididas e transformadas em seis turmas para que os protocolos de segurança sejam atendidos e cumpridos de forma que garanta a segurança de todos da creche. Desse modo, foram analisados três projetos

anuais, que estão sendo realizados em cada turma: 31, 32 e 41, respectivamente, turmas de crianças de 3 e 4 anos de idade.

O primeiro projeto a ser analisado foi o projeto da turma 31: Todas as cores do mundo. A justificativa do projeto ocorreu quando a professora observou, durante as atividades psicomotoras da creche, uma dificuldade dos alunos em associar as cores das bolas e dos bambolês e quase todas as atividades no ambiente envolvem cores, fazendo parte do imaginário infantil através de brinquedos, texturas, tintas, livros e outros momentos da rotina da criança. Diante disso, a professora da turma busca inserir, de maneira lúdica e criativa, o estudo das cores, possibilitando à criança identificar e inserir em suas produções. O objetivo geral do projeto é ampliar o conhecimento sobre as cores a partir de literaturas sobre o tema. E os objetivos específicos: reconhecer a existência de cores e formas que encontram-se na natureza; utilizar diversos materiais para conhecer as cores e nomeá-las; e produzir jogos, trabalhos de arte, brinquedos e livros coletivos usando as cores. Diversos campos de experiência são contemplados nesse projeto, como, por exemplo, ouvir histórias que abordem o tema, cantar para ampliar a linguagem oral, nomear as cores, explorar, movimentar o corpo durante as brincadeiras, manipular objetos, dentre outros.

O segundo projeto analisado foi o projeto da turma 32: Do trem ao avião, dando asas à imaginação. Durante a “rodinha”, no momento da “novidade”, a professora observou que os alunos diariamente conversam sobre “trem”. Pode ser pela proximidade da creche com a estação e pelo fato da estação ser caminho para muitos deles no trajeto de casa até a creche. Quando um deles tocava no assunto, imediatamente outro levantava o dedo para contar sua experiência nesse meio de transporte. Dessa forma, a professora observou que os alunos despertam bastante interesse sobre alguns meios de transporte. O objetivo geral do projeto é considerar as capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança, garantindo um ambiente saudável e prazeroso à prática de experiências educativas sobre os meios de transportes e educação para o trânsito. E os específicos: desenvolver a consciência da criança no trânsito; identificar sinais e placas; reconhecer figuras geométricas do dia a dia; ler simbolicamente; trabalhar regras; trabalhar cores; diferenciar meios de transporte; realizar movimentos corporais envolvendo situações do dia a dia; produzir brinquedos relacionados ao tema, utilizando materiais reciclados; e produzir conhecimento através de aula-passeio. Eixos como ampliação do vocabulário, construção da autonomia e reprodução de sons são alguns dos desenvolvidos nesse projeto.

O último projeto a ser analisado foi o projeto Identidade da turma 41. A escolha do projeto aconteceu depois de perceber um enorme interesse dos alunos para saber mais sobre a

história dos colegas e as próprias histórias. Desse modo, os professores pensaram em um projeto que trouxesse significado para as vivências de cada um dos alunos e de suas famílias. O objetivo principal é que a criança desenvolva a construção da sua identidade individual de maneira positiva, respeitando diferentes modos de vida, podendo, assim, se expressar e desenvolver sua oralidade. A proposta envolve o desenvolvimento direto da linguagem oral e explora a história de vida das crianças. Assim como os demais projetos, também está alinhado com a BNCC, pois, nesse projeto, diversos eixos são mencionados: “o eu, o outro e o nós”; “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”; e “escuta, fala, pensamento e imaginação”. Dentre outros benefícios para o desenvolvimento da criança.

6.2 Segunda etapa: obras literárias e a frequência da contação de história na rotina das crianças

A segunda etapa concluída foi a procura por literaturas infantis que abordassem o tema sobre Educação Ambiental. As obras literárias da unidade são catalogadas e isso facilitou bastante a pesquisa nessa fase e, segundo os professores, simplifica o trabalho deles, pois, dessa forma, conseguem identificar os temas abordados nas obras e, muitas vezes, desenvolvem o seu planejamento a partir da contação de história. Ao todo, a creche tem, aproximadamente, 1.120 obras literárias infantis distribuídas nas quatro salas de aula, dentre esses livros, muitas das obras se repetem.

Dentre as obras analisadas, destacam-se 55 obras literárias que remetem à Educação Ambiental, seja por meio de temas sobre natureza, animais, tempo, água ou estações do ano. E estão descritas no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Obras sobre Educação Ambiental

Obra	Autor	Ano
Coleção Conhecendo os sons da fazenda: Patinho	Cristina Klein	2013
Coleção Conhecendo os sons da fazenda: Vaquinha	Cristina Klein	2013
Coleção Conhecendo os sons da fazenda: Cavalo	Cristina Klein	2013
Coleção Conhecendo os sons da fazenda: Porquinho	Cristina Klein	2013
Coleção Conhecendo os sons da fazenda: Elefante	Cristina Klein	2013
Coleção Quem é minha mãe? Bichos de Estimação	Monica Fleisher	2015
Coleção Quem é minha mãe? Bichos Africanos	Monica Fleisher	2015
Coleção Quem é minha mãe? Animais da floresta	Monica Fleisher	2015

Coleção Quem é minha mãe? Animais Marinhos	Monica Fleisher	2015
Coleção Quem é minha mãe? Animais da Fazenda	Monica Fleisher	2015
Coleção Quem é minha mãe? Animais selvagens	Monica Fleisher	2015
As estações do ano	Roberto Belli	2012
Moradia dos animais	Kerliane Uchoâ	2018
Tem bicho que gosta...	Toni e Laise	2013
A menina da garrafa verde	Doris Belling	1998
Baleiazinha	Pedro Bandeira	2003
Formiga amiga	Bartolomeu Campos	2004
As patas da vaca	Bartolomeu Campos	2005
As aventuras do capitão Neno: as profundezas	Daniel Esteves	2013
Preservar natureza: nós podemos!	Luciano Avelino	2010
Que planeta é esse?	Regina Coeli	1997
Coleção Bichim: o bichim que queria crescer	Ziraldo	1989
Curupira e o equilíbrio da natureza	Samuel Murgel	2011
Animais selvagens	Ruth Wickings	2009
Animais da fazenda	Ruth Wickings	2009
Conheça a natureza: a vida nas matas	Jean Green	2012
Coleção vida: o livro da Terra e da água	Todd Parr	2013
Coleção vida: fauna e flora	Todd Parr	2013
Coleção Bichos e fantasias	Difusão cultural	1999
Planeta Água	Sergio Valle	2015
Pra mudar o mundo	Patricia Engel	2011
Juca Brasileiro	Patricia Engel	2007
Água e a vida	Patricia Secco	2018
Acorde, fazenda!!	Andrew Everitt	2014
Amigos da fazenda: Galinhas	Camilla de la Bédoyère	2011
Será mesmo que é bicho?	Ângelo Machado	1996
Que bicho será que botou o ovo?	Ângelo Machado	1996
Pêssego, pera e ameixa no pomar	Janete Alberg	2012
O bicho folharal	Angela Lago	2005
Dia de sol	Renato Morcosi	2010
Mistura Bicho	Renata Carvalho	2012
Que cor é o vento?	Ana Maria	2019
A árvore e os bichos	Mary França	2015
Coleção da vida: Os alimentos	Jaci José	2004

Coleção da vida: Plantas	Jaci José	2004
Coleção da vida: Animais	Jaci José	2004
Bicho feio e bicho bonito	Mary França	2010
Um zoológico às avessas	Márcia Correa	2012
De quem é a árvore	Ruth Machado	2010
Essas não são minhas patas	Carla Baredes	2014
Quero um bicho de estimação	Lauren Child	2011
Vira bicho	Lucioano Trigo	2004
O gato e a árvore	Rogério Coelho	2013
Belezura marinha: poesia para animais ameaçados pelo homem	Loose Toch	2010
Um som animal	Ana Alzueta	2013

Fonte: Dados da pesquisa

Desses livros, a maioria trata-se de uma abordagem muito conservadora e tradicional, mas consegui observar uma pequena vertente crítica nos livros “Planeta água” – que trata, em alguns pontos, sobre a poluição e a coleta de lixo – e “Belezura marinha”, livro de poesias onde existe uma crítica sobre a poluição dos mares e a consequência dessa poluição para as espécies marinhas que estão sendo extintas. Não há problema em abordar a Educação Ambiental a partir do encantamento sobre a natureza e sobre a preservação ambiental, só não podemos limitar a abordagem dessas práticas a isso, uma consciência crítica precisa ser desenvolvida desde a primeira etapa da Educação Básica. Ensinar a função de debates, discussões, dar voz à criança para que ela aprenda a desenvolver argumentos faz parte do papel do professor, além de ser parte da formação cidadã dos pequenos.

Seguindo o planejamento da pesquisa, observei a frequência da contação de história na rotina das crianças. Durante o período de dez dias observei a rotina desenvolvida com as crianças de diferentes turmas, podendo constatar que em todas elas a contação de história é realizada de forma diária e é extremamente bem recebida pelos alunos. Em duas dessas turmas, as que atendem as crianças de três anos, a contação é realizada após a roda de conversa que acontece logo no primeiro momento da rotina. É cantada a música de bom dia, feita a chamada, vista a janela do tempo e logo uma historinha, que é introduzida por uma música que se repete em toda a creche e antecede todas as contações de história: “uma linda história eu vou contar, novos amiguinhos vou encontrar e entrar no mundo da imaginação... trelelê, tralalá, trelelê, tralalálá...”.

Tem dias que a história é previamente escolhida para que sirva de introdução à aula que a professora planejou e outros dias a professora deixa que as crianças escolham. Durante esses dez dias, essa turma também teve esse momento de contação de história fora da sala de aula, no espaço nos fundos da creche, embaixo de uma árvore que tem uma boa sombra e transmite um ambiente bem aconchegante.

Nas turmas das crianças de quatro anos, que está no momento dividida em duas salas diferentes por conta dos protocolos sanitários, tem a contação de história introduzida de formas distintas. Em uma turma, que chamarei de turma X, a contação de história é realizada no meio da manhã, da seguinte forma: acontece a roda de conversa, assim como nas turmas de três anos – com a música de bom dia, chamada e janela do tempo –, as atividades pedagógicas planejadas pelo professor, a contação de história e outra atividade. Nessa turma, o professor já tinha escolhido os livros anteriormente aos dias que eu estive observando a rotina, pois estava sendo trabalhada a temática das emoções e cada dia foi realizada uma contação de história relacionada ao tema, como o livro da raiva, do medo, da alegria, entre outros.

Na outra parte da turma de quatro anos, que chamarei de Y, a contação de história também é realizada no meio do dia, porém em outro momento. No início da manhã, assim como em todas as outras, é realizada a primeira parte da rotina com a música de bom dia, janelinha do tempo, chamada e a hora da novidade, em seguida, as atividades pedagógicas e, no momento que antecede o horário de parquinho da turma, é realizada a contação de história. Nessa turma Y, a professora também escolhe antecipadamente os livros, porém, uma vez por semana, a criança escolhe o livro e a própria conta a história – todas as crianças da turma passam por esse processo, sendo uma por semana. Mesmo sem serem alunos alfabetizados por ainda estarem na Educação Infantil, as crianças conseguem desenvolver ordem cronológica e encaixar perfeitamente a história a partir dos desenhos que elas estão vendo. Essa turma também teve o momento de contação de história fora do ambiente de sala de aula três vezes durante o período observado.

Vale destacar, também, que nessa turma de quatro anos (X e Y) acontece o projeto A maleta viajante, que é um projeto semanal onde cada criança leva para casa, às sextas-feiras, uma maleta com um livro e uma folha que contém um espaço direcionado para a ilustração da parte que mais gostou desse livro. O objetivo é gerar uma interação entre a criança, a literatura e a família, já que a criança precisa de ajuda para desenvolver a atividade. O projeto tem acontecido desde o mês de março e tem sido um grande sucesso para todos os envolvidos. O retorno da interação com a família tem sido muito positivo e as crianças, toda segunda-feira, têm o momento de contar sobre o livro que leu no final de semana, mostrar seu desenho

e contar como e com quem realizou a atividade. A partir de toda essa observação, entendi que a ocasião da contação de história na creche é de extrema importância e muito valorizada, tanto pelos alunos quanto pelos professores.

6.3 Entrevista semiestruturada com os sujeitos da pesquisa

A próxima etapa da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada com todos os sujeitos da pesquisa: três professores, um orientador educacional e uma gestora. O roteiro da entrevista está disponível no Apêndice A. A entrevista foi muito esclarecedora em diversos pontos, onde pude entender a formação acadêmica de cada sujeito, que já foi mencionada na seção sobre os sujeitos participantes da pesquisa, mas vale ressaltar aqui que todos os professores são graduados e seguem se especializando. Além disso, a entrevista semiestruturada trouxe respostas para as perguntas mais direcionadas ao campo da Educação Ambiental crítica.

Após perguntar sobre a formação acadêmica dos professores e há quanto tempo eles atuam na Educação, iniciaram as perguntas mais específicas sobre o tema. Foi questionado sobre qual conhecimento eles possuíam acerca da Educação Ambiental. Dentre os cinco, quatro responderam que o que conheciam sobre Educação Ambiental era muito raso, um professor disse que não teve nada sobre isso na graduação e duas professoras e o orientador falaram que tiveram pouquíssima base sobre EA durante a formação acadêmica, o que conheciam sobre EA, principalmente voltada para EI, tinham aprendido com o projeto EDUC que atuou na creche no ano de 2019 e que já foi mencionado anteriormente aqui. A gestora tem um conhecimento mais amplo sobre o tema, pois, além da graduação de pedagogia, ela também tem licenciatura em biologia e é aluna de um programa de mestrado que estuda essa linha de pesquisa. Apesar de nem todos terem tido uma abordagem ampla sobre EA durante a formação acadêmica e profissional, todos responderam de forma unânime, quando perguntados, que acreditam que as práticas de Educação Ambiental devam ser desenvolvidas desde a etapa da Educação Infantil, podendo desenvolver mudanças futuras nos hábitos das crianças. Quando questionados sobre quais as maiores dificuldades em abordar as práticas de EA com as crianças, a maioria respondeu que não ter uma base forte sobre o tema é um dos pontos principais que impedem que essas abordagens sejam realizadas com mais frequência.

Sobre terem realizado algum curso relacionado à Educação Ambiental, dois dos cinco sujeitos responderam que sim, sendo a gestora e uma professora, que disse ter realizado um curso oferecido pela própria Secretaria Municipal de Duque de Caxias há alguns anos, e somente um dos cinco respondeu que, na graduação, teve uma disciplina relacionada a práticas ambientais e não era uma disciplina obrigatória na grade curricular e, sim, eletiva.

Quando perguntado se conheciam métodos de contação de história, os cinco responderam que sim, mas que não era nada amplo e, sim, técnicas que aprenderam com o tempo de experiência de cada um e, ainda, todos relacionaram que podem existir ligações entre práticas de educação ambiental e contação de história. Em uma escala de 1 a 10, numeraram frequência entre 9 e 10 quando perguntado sobre a quantidade vezes que contam história para seus alunos e dois dos cinco sujeitos entrevistados relataram que já haviam participado de alguma oficina ou palestra relacionada ao tema da contação de história.

Ao serem questionados sobre o que gostariam de estudar sobre EA, dois disseram que gostariam de estudar mais sobre a natureza e a preservação ambiental, dois relataram o fato de estarem muito próximos à refinaria REDUC e como isso influencia a vida dessas crianças e uma pontuou a Educação Ambiental crítica, enfatizando sobre a importância de falar sobre justiça ambiental desde a infância.

6.4 Oficinas com os sujeitos da pesquisa

A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa, da observação em sala de aula e da análise dos documentos da unidade, foram realizadas três oficinas com a intenção de ampliar os estudos sobre a abordagem de uma Educação Ambiental crítica. A primeira oficina foi realizada no dia 6 de agosto, durante o segundo momento do grupo de estudos da unidade, na própria creche, tendo o objetivo de proporcionar aos sujeitos da pesquisa o entendimento sobre a importância da abordagem da educação crítica para que se constitua um processo educativo, permanente e contínuo.

A abordagem crítica é um fator essencial e necessário à qualidade da educação, buscando redefinir as relações entre homem e natureza, com a intenção de romper a ordem política cultural e social atual – e isso só será possível a partir de uma reconstrução histórica sobre o que é Educação Ambiental, evidenciando seus limites e potencialidades.

Iniciamos a oficina com a pergunta: por que ensinar sobre Educação Ambiental? De forma unânime, todos responderam que é um tema muito importante para todos e que está ligado diretamente a nossa existência e nosso bem-estar. A partir desse questionamento,

conversamos sobre a relação entre homem, natureza e como nós, seres humanos, somos seres participantes no nosso meio ambiente, de forma individual, mas principalmente de forma coletiva. Assim, começamos a iniciar um pensamento sobre como seriam as possibilidades de mudança se todos nós tivéssemos uma consciência mais crítica para as temáticas socioambientais. Nesse momento, foi apresentado aos sujeitos da pesquisa uma citação de Loureiro (2003), um dos referenciais teóricos que tem embasado o conhecimento para essa pesquisa e, assim, também para o desenvolvimento dessa oficina. A saber:

para atuarmos em Educação Ambiental, não a partir do discurso genérico de que todos nós somos igualmente vítimas do processo de degradação ambiental e de que todos nós atuamos livre e racionalmente sob condições objetivas iguais. Educar para transformar é agir conscientemente em processos sociais que se constituem conflituosamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual. Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando a superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade contemporânea. (LOUREIRO, 2003, p. 143).

A partir dessa citação de Loureiro (2003), iniciamos uma roda de conversa sobre como compreender o homem como um produto social, que desenvolve as suas ações individuais a partir do coletivo e que precisa desenvolver a consciência ecológica para entender as ações que estão acontecendo a sua volta, de forma que não mude apenas os seus hábitos, mas que reflita na sua qualidade de vida e função social. Passamos a debater e conversar sobre como deve ser esse “fazer” de uma EA crítica na prática. Por que ela é pouco mencionada? Entendemos que a EA com uma vertente crítica é ligada diretamente às questões de justiça ambiental e justiça social, o que, muitas vezes, é marginalizada e desvalorizada por parte da nossa sociedade, que é extremamente capitalista. Por diversas das vezes, utilizamos a Educação Ambiental conservadora, que tem uma linha mais comportamentalista, por meio da mudança de hábitos individuais e que usa de uma fragmentação do homem, natureza, campo e sociedade.

Ao final da nossa roda de conversa, todos os sujeitos da pesquisa chegaram ao entendimento da importância de trabalhar a EA crítica desde a etapa da Educação Infantil, promovendo um questionamento às abordagens comportamentalistas e individualistas na compreensão da relação cultura e natureza. Como tarefa dessa oficina, foi proposto que os

sujeitos da pesquisa pensassem em uma atividade sobre Educação Ambiental crítica para ser desenvolvida com as crianças. A atividade escolhida foi uma trilha urbana no entorno da localidade da creche, onde as crianças pudessem identificar os problemas socioambientais da região.

A segunda oficina, que foi realizada no dia 25 de agosto de 2021, foi a primeira etapa do desenvolvimento da aula planejada na oficina anterior. Os sujeitos da pesquisa iniciaram o dia com a contação de história sobre a água, utilizando o livro “Planeta Água”, do autor Sergio Valle. O livro mostrava as consequências da poluição dos rios para a nossa vida e para nossa saúde e como aconteciam as poluições nas áreas urbanas. A seguir, tiveram a demonstração de como era uma água potável e uma água imprópria para consumo e entenderam como funcionava uma estação de tratamento da água. Logo após as crianças saírem para a trilha urbana ao redor da creche, observaram o esgoto nas ruas, a falta da coleta de lixo, a água sendo despejada diretamente em um valão ao lado da creche, local que já foi um rio, e compararam com os vídeos que assistiram anteriormente, entendendo que o funcionamento da coleta seletiva não acontecia como deveria, que os rios poluídos afetavam muito a qualidade de vida das pessoas, que a poluição acontecia de forma coletiva e que aquelas pessoas que poluíam o ambiente não tiveram instruções corretas e nem recursos que proporcionassem a essa população uma qualidade de vida melhor, como, por exemplo, uma estação de tratamento das águas que são despejadas no rio.

O retorno dessa atividade foi muito positivo, as crianças foram muito participativas e interagiram muito bem durante as propostas e o objetivo de que as crianças pudessem identificar todas as injustiças sociais e ambientais ao redor também foi concluído.

A terceira oficina foi realizada no dia 14 de setembro de 2021 e o objetivo foi transmitir aos sujeitos da pesquisa métodos e técnicas sobre contação de história, as melhores maneiras de manter a atenção e o interesse da criança, como preparar o espaço físico do ambiente para que seja mais acolhedor para o momento de contação de história, as técnicas corporais para um bom professor/contador de história, bem como a escolha das narrativas que sejam mais adequadas à faixa etária das crianças.

No primeiro momento da oficina, foi transmitido o vídeo sobre a introdução de músicas na contação de histórias, disponível na plataforma YouTube (TÉCNICA...,2019). Em seguida, foi pontuado sobre a interação entre a criança e a história contada e o fato de que, a partir da contação de história, a criança desperta emoções como se fosse ela quem estivesse vivenciando o momento. Estes sentimentos vividos pelas crianças permitem que a imaginação seja exercitada e a capacidade de resolver problemas e situações do seu dia a dia sejam

ampliadas. Além disso, essa interação estimula outros pontos que já foram evidenciados aqui, como o desenho, o pensar, a musicalidade, o teatro, o brincar, o manuseio dos livros, o escrever, o ouvir e o falar.

Como o lúdico é um caminho que enriquece os processos criativos da criança – e essa capacidade de interação já foi mencionada acima –, foi discutido como estabelecer a relação da contação de história com nosso meio ambiente, sendo este processo de contação de história também um processo de interação entre o homem e a natureza. A partir desse momento, foi entendido como a literatura poderia servir de ferramenta introdutória a essas práticas de EA crítica dentro da creche, considerando o interesse que as crianças têm pelo momento da contação de história e pela necessidade e importância de abordar a EA.

Para finalizar, abordamos outras formas de contar histórias, como dedoches, fantoches, teatro e música. Foi produzido pelos sujeitos da pesquisa personagens da história A princesa e o sapo, que foi sugerida por eles, e, em seguida, houve uma contação de história coletiva, utilizando das técnicas de entonação de voz, expressões corporais, entre outras que foram mencionadas durante a oficina.

A partir de toda observação, da análise documental, das entrevistas semiestruturadas e das oficinas, cheguei à conclusão de que um livro paradidático sobre Educação Ambiental crítica que abordasse a poluição do ar e pudesse servir de ferramenta introdutória para outras práticas seria muito positivo para unidade. Pensei sobre o tema da poluição do ar considerando a proximidade da unidade com a REDUC, além de a poluição do ar ser algo constante na vida dessas crianças, já que a maioria delas são moradores da mesma comunidade onde a creche está localizada.

6.5 Validação do produto

A validação do produto, com o objetivo de identificar a contribuição dele para funcionar como ferramenta introdutória em práticas de Educação Ambiental na creche, foi realizada por meio de um formulário do *Google Forms*, onde os sujeitos da pesquisa responderam perguntas sobre o livro “O Céu azul que ficou cinzento” e o guia sobre a utilização do livro. O formulário está no Apêndice C e contém as respostas para as seguintes perguntas: a) na sua interpretação, o livro contribui para iniciativas de práticas de Educação Ambiental?; b) o livro é adequado para a faixa etária das crianças ouvintes?; c) você, como professor contador de histórias, utilizaria o livro em suas práticas?; d) sabendo que abordar Educação Ambiental crítica é extremamente importante desde a etapa da Educação Infantil, o

livro pode funcionar como ferramenta de introdução dessas práticas?; e) o guia de atividades, projetos e utilização de práticas de EA contribui realmente para novas práticas no contexto da Educação Infantil?; f) de 0 a 10, sendo zero pouca atenção e dez muita atenção, qual grau de atenção e interesse as crianças tiveram durante a contação de história?; g) de 0 a 10, sendo zero pouca interação e dez muita interação, qual grau de interação das crianças com a história durante a roda de conversa sobre ela?; h) você recomendaria o livro para outros colegas utilizarem em suas práticas?

De acordo com as respostas dos sujeitos da pesquisa, o livro contribui 100% com as iniciativas de práticas de Educação Ambiental na unidade e é totalmente adequado para a faixa etária do público infantil. Todos os cinco sujeitos da pesquisa afirmaram que utilizariam a obra em suas práticas e responderam que, entendendo que é importante a abordagem da Educação Ambiental crítica desde a primeira etapa da Educação Básica, o livro funciona como ferramenta de introdução a práticas de EA com uma vertente crítica dentro do contexto da Educação Infantil. Os sujeitos também pontuaram que o produto Guia de orientação para a utilização do livro, com propostas de atividades, auxilia muito no desenvolvimento do trabalho com a obra, além de propor outras ideias e novas práticas de Educação Ambiental e contação de história.

Quanto à atenção que as crianças tiveram durante a contação de história, foi solicitado que os sujeitos identificassem em uma tabela de 0 a 10, sendo zero pouquíssima atenção e interesse e dez muita atenção e interesse durante a contação de história. Quatro dos cinco sujeitos, responderam o número 10, indicando que as crianças mantiveram total atenção e mantiveram o interesse durante a história. E um sujeito indicou o número 8, mantendo ainda um percentual alto em relação ao interesse e atenção das crianças pela história “O Céu azul que ficou cinzento”. Após a contação de história, os docentes realizam uma roda de conversa para falar sobre a história e ouvir a opinião das crianças sobre a mesma, isso já é uma prática recorrente na rotina da unidade, pois esse é um momento muito rico para o desenvolvimento da oralidade, para a interação das crianças entre si e dentre outros benefícios dessa ocasião.

Dessa forma, também foi solicitado aos sujeitos que identificassem o grau de interação das crianças com a história durante esse acontecimento, sendo zero pouca interação e interesse e dez muita interação e interesse. Quatro dos cinco sujeitos identificaram o número 10 na tabela, mostrando que as crianças participaram muito bem da roda de conversa e interagiram bastante com o tema, e um sujeito identificou como 8, apontando que as crianças, ainda assim, tiveram interação e interesse dois pontos acima da média, sendo um índice indicativo muito positivo.

Em relação à indicação para que outros colegas possam usar a obra literária em suas práticas, todos os sujeitos responderam que sim, indicariam o livro para que outros docentes utilizem em suas práticas. Ao finalizar o formulário, os sujeitos tinham a opção de se identificar ou não quanto suas respostas e o retorno foi muito favorável, pois todos os cinco sujeitos fizeram questão de se identificar.

Pautada nas respostas dos sujeitos no formulário da validação do produto educacional, o livro paradidático “O Céu azul que ficou cinzento” e o guia de orientação para a utilização do livro, e também em todas as contribuições de todas as etapas da construção dessa pesquisa, como observação, busca pelas obras, entrevistas semiestruturadas e oficinas, podemos compreender e concluir que a contação de história pode sim contribuir para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental na creche e, com uma perspectiva geral, pode contribuir com práticas na etapa da Educação Infantil, podendo, assim, ser utilizada em outras unidades.

A realidade encontrada, como, por exemplo, a organização e o acesso aos documentos oficiais, como o PPP, aliados ao fato de todas as obras literárias da unidade serem catalogadas, auxiliou muito no processo de desenvolvimento da pesquisa, além do interesse de todos os sujeitos de participarem do estudo. Dessa maneira, conseguiu-se auxiliar na ampliação dos conceitos de Educação Ambiental crítica de forma que os sujeitos pudessem compreender mais sobre essa nova ética ambiental, visando redefinir e estabelecer relações entre a natureza, o homem e o meio em que vive, com o objetivo de romper essa ordem política social e econômica atual do nosso planeta, além de ser muito gratificante e com retorno positivo, como podemos observar nos resultados mencionados acima.

Assim, de acordo com os resultados expostos e comprovados a partir dos gráficos e formulários dispostos nos apêndices, pode-se afirmar que as práticas de educação ambiental crítica devem ser abordadas por meio de uma reconstrução histórica, evidenciando todas as suas potencialidades de maneira coletiva para que o sujeito se compreenda como um ser ativo e atuante do meio em que vive. Essa abordagem deve ser desenvolvida desde o início da escolarização do sujeito, neste caso, na primeira etapa da Educação Básica, na Educação Infantil, sendo realizada dentro dos limites e da realidade de cada grupo, respeitando sua faixa etária e sua realidade social – como foi mostrado nesta pesquisa, a partir da valorização da contação de história que faz parte da rotina das crianças da unidade pesquisada, dessa forma, evidenciando a criança como cidadão participante na sociedade que ela já é.

7 CONTRIBUIÇÕES PÓS - APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Nessa seção, serão expostas as atividades que os sujeitos da pesquisa realizaram após a aplicação do produto educacional. As atividades a seguir foram desenvolvidas pelos próprios professores, devido o interesse das crianças ou por entenderem a necessidade da abordagem da Educação Ambiental durante suas práticas.

Figura 3 – Atividade 1.



Fonte: Arquivo pessoal.

A atividade desenvolvida na figura 3 ocorreu por meio de uma contação de história. A professora, que foi um dos sujeitos dessa pesquisa, identificou, durante a contação de história, que os alunos nunca tinham visto o fruto morango. Por mais que soubessem o que era sorvete de morango ou biscoito de morango, nunca tiveram acesso à própria fruta. Dessa forma, a professora reuniu os outros sujeitos da pesquisa (demais docentes da unidade), realizando uma contação de história para toda a creche, em uma atividade integrada. Além da contação da história “O ratinho, o morango vermelho maduro e o urso esfomeado”, do autor Don Wood (1984), as crianças tiveram acesso ao fruto, puderam comer, ver a fruta no pé e levar uma mudinha de morango para casa.

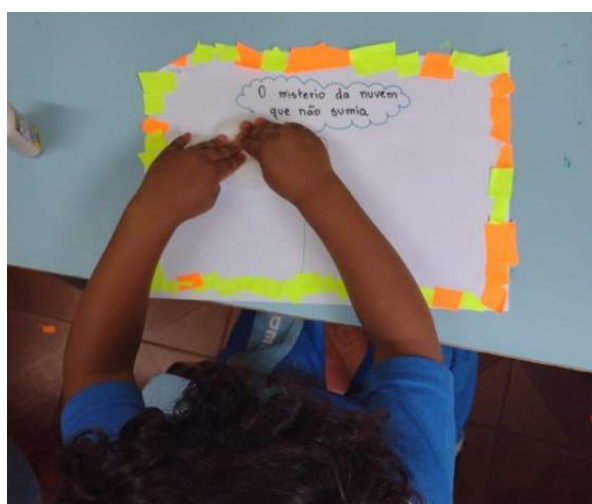
Figura 4 – Atividade 2.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na atividade da figura 4, aconteceu a revitalização do canteiro agroflorestal e da horta da creche. As crianças participaram de todas as etapas, desde o preparo da terra, plantio até a colheita. E puderam comer os alimentos que eles plantaram. Durante todo o processo dessa atividade, os professores questionavam os alunos sobre a alimentação saudável, sobre o que era agrotóxico, o porquê da água que eles utilizavam para aguar a horta vinha de um caminhão pipa, se eles sabiam que a água daquela região não era potável..., trazendo questionamentos e criticidade para uma atividade que é considerada conservacionista, fazendo as crianças refletirem e questionarem durante esse processo.

Figura 5 – Atividade 3.



Fonte: Arquivo pessoal.

A atividade mostrada na figura 5 foi realizada após a contação de história do livro “O Céu azul que ficou cinzento”, logo depois da roda de conversa sobre a história. As crianças reproduziram uma ilustração do livro e, em seguida, foram para a área externa da creche buscar por nuvens de poluição no céu, enquanto a professora questionava sobre situações que

aconteceram na história, relacionando com o momento que as crianças estavam vivendo, como, por exemplo, os cheiros. Assim, proporcionando experiências a partir da obra literária.

Figura 6 – Atividade 4.



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro gênero literário foi utilizado na atividade evidenciada na figura 6. A partir da leitura da poesia de Cecília Meireles, “Leilão de Jardim”, a professora observou que as crianças não conheciam alguns animais de jardim. Como a creche é composta por vários canteiros, a turma foi buscar por esses animais e encontraram caracol, joaninha, formiga, dentre outros bichinhos.

Figura 7 – Atividade 5.



Fonte: Arquivo pessoal.

Já na figura 7, é possível observar a trilha urbana que os professores sujeitos da pesquisa realizaram com as crianças em volta da creche, buscando identificar os problemas socioambientais vividos pela comunidade. Essa atividade foi parte de uma sequência didática que envolveu a contação de história do livro “Planeta Água”, do autor Sérgio Valle, o vídeo

contando como funciona uma estação de tratamento e a trilha urbana. As crianças identificaram esgoto despejado diretamente no rio, moradias irregulares em áreas de risco, falta de coleta seletiva, dentre outros problemas vividos pela região de Campos Elíseos.

Outro ponto relevante é que os sujeitos da pesquisa identificaram que as crianças, após a aplicação do produto e dessas atividades realizadas, demonstram mais interesse por temas relacionados à Educação Ambiental, notado ao trazer falas durante as rodas de conversa sobre o tema, como dizer que sente cheiro de fumaça perto da sua casa e que onde moram conseguem ver os tanques das empresas petroquímicas e agora já sabem o que são, ou buscar por livros que falem sobre natureza. De modo geral, o retorno após o processo de pesquisa foi positivo relacionado às ações dos sujeitos da pesquisa e, por consequência, das crianças também.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental é um processo em que o sujeito começa a obter os seus devidos conhecimentos sobre as questões ambientais e passa a compreender a sua relação com o meio ambiente e, dessa forma, se compreende como um ser ativo e participativo no meio em que vive, sendo um agente transformador na sociedade. Relacionando isso com os benefícios da utilização da contação de história como uma ferramenta positiva de introdução às práticas de Educação Ambiental na Educação Básica, especialmente na Educação Infantil – onde a contação de história, além de promover um encantamento, faz parte da rotina das crianças –, podemos constatar que utilizar obras literárias para abordar temas de EA na Educação Infantil facilita muito a prática do docente e o entendimento das crianças.

Considerando a análise dos resultados e os apontamentos dos sujeitos da pesquisa por meio do formulário de validação, podemos afirmar que a proposta de utilizar o livro paradidático “Céu azul, que ficou cinzento” para que práticas de Educação Ambiental fossem desenvolvidas em uma creche no bairro de Campos Elíseos foi recebida e desenvolvida com muita satisfação por todos os sujeitos da pesquisa. Também podemos pontuar a utilização do Guia de orientação, que foi entregue juntamente com o livro paradidático aos sujeitos para que, além da ampliação de conhecimentos sobre EA por meio da contação de história, eles também tivessem acesso a mais propostas de atividades sobre Educação Ambiental e contação de história, com sugestões de outras obras literárias para serem realizados com as crianças.

Vale pontuar que, apesar da Educação Ambiental ser presente no PPP da unidade, anteriormente, ela não era relacionada com o cotidiano da creche e não fazia parte do planejamento semanal dos docentes, situações que podem ser justificadas com o pouco acesso que os sujeitos da pesquisa tinham com o tema, principalmente com a vertente crítica da Educação Ambiental. Outro ponto que vale destacar é que, justamente por não terem tido acesso durante a formação acadêmica, os sujeitos da pesquisa não estimulavam as crianças a buscarem esse olhar crítico com os espaços socioambientais a sua volta.

Acredito que as oficinas, as atividades e todo o estímulo para que os sujeitos da pesquisa possam desenvolver esse olhar crítico para o meio em que vivemos irá contribuir positivamente para que tais mudanças ocorram na unidade desde o PPP e o seu planejamento anual até as práticas cotidianas, pois sabemos que é na educação que podemos e devemos nos apoiar para que cada vez mais a relação homem-natureza se estabeleça de forma consciente, formando sujeitos críticos que se compreendam como seres ativos na sociedade.

Quanto mais cedo esse pensamento crítico for desenvolvido na criança, melhor e mais rápido será seu entendimento como um todo, desenvolvendo sempre atividades e experiências

que possam conscientizar grupos, de forma coletiva. E o melhor lugar para que isso comece é na escola, não somente nela, mas de forma que seja ela uma das principais pontes para formação desse pensamento crítico.

Portanto, essa pesquisa que foi desenvolvida em uma creche do bairro de Campos Elíseos, no município de Duque de Caxias, com o objetivo de analisar as práticas de Educação Ambiental na etapa da Educação Infantil, e foi concluída de forma satisfatória e com o entendimento de que a contação de história pode sim ser uma ferramenta de introdução a práticas de Educação Ambiental.

Concluimos, assim, acreditando que obras literárias possam ser utilizadas de forma eficaz para incentivar e desenvolver a formação do cidadão desde a etapa da Educação Infantil, capacitando-o a realizar reflexões e questionamentos sobre o seu mundo e a interferir nele.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- ALVES, A. P.; SAHEB, D. A educação ambiental na educação infantil. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: PUC, 2013.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BETELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.
- BARROS, V.; TOZONI-REIS, M. Reinventando o ambiente: Educação Ambiental na Educação Infantil. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 34, p. 135-151, set./dez. 2009.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998a. v. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b. v. 3.
- BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 1999. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/110259/lei-da-educacao-ambiental-lei-9795-99>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 18-19, 18 dez. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.** Portal MEC, Secad, 1992. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BUSATTO, C. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. **A contação de histórias no desenvolvimento da educação infantil.** 2016. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ana-lucia-sanches.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

CHIMENTÃO, L. K. O significado da formação continuada docente. *In:* CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., 2009, Londrina. **Anais [...]** Londrina: CONPEF, 2009.

COELHO, B. Como usar o estudo de caso no TCC ou nos negócios. **Blog Mettzer**, 15 out. 2017.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DIAS, G. F. **Educação ambiental:** princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992. 224 p.

DOHME, V. A. **Técnicas de contar histórias 1:** um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Autonomia da escola.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Guia da escola cidadã, v. 1).

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem. *In:* LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Educação ambiental:** repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LOMOSA, C. R. A.; LOUREIRO, C. F. B. A educação ambiental e as políticas nacionais: um estudo nas escolas públicas de Teresópolis (RJ). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 279-292, mai./ago. 2011.

LORIERI, M. A. **Filosofia:** Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajectoria e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOUREIRO, C. F. B.; FLORIANO, M. D. A construção do objeto de pesquisa em educação ambiental crítica: reflexões a partir de escolas municipais em Duque de Caxias, RJ. *In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL*, 9., 2017, Juiz de Fora. **Anais** [...] Juiz de Fora: EPEA, 2017.

MACHADO, R. S. B. O conto de tradição oral e a aprendizagem do professor. **Série Ideias**, São Paulo, n. 13, p. 109-115, 1992. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/000833747.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MENDONÇA, M. J. S. L.; MEDEIROS, A. B.; SOUSA, G. S.; OLIVEIRA, I. P. A importância da educação ambiental nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, set. 2011.

NÓBREGA, L. R. B. **Educar com contos de fadas: vínculo entre a realidade e fantasia**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

PERUZZO, Adreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. *In: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

CCAICCE. Creche Centro de Atendimento à Infância Caxiense Campos Elíseos. **Projeto Político Pedagógico da Creche Centro de Atendimento à Infância Caxiense Campos Elíseos**. Duque de Caxias: [s.n.], 2021/2022.

RAULINO, S. F. **Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes**. 2009. 338 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RIO DE JANEIRO. Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria Geral de Planejamento. **Estudo Socioeconômico 2007**: Duque de Caxias. Rio de Janeiro: TCE/RJ, 2007.

RIOS, N. T. **Educação ambiental em escolas próximas ao Polo Industrial de Campos Elíseos: a influência do contexto industrial e do risco**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, J. A.; TOSCHI, M. S. Vertentes da Educação Ambiental: da conservacionista à crítica. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 4, n. 2 (ed. esp.), p. 241-250, 2015.

SCHÜNEMANN, D. R.; ROSA, M. B. Conscientização ambiental na educação infantil. **Revista Monografias Ambientais**, v. 1, n. 1, p. 122-132, 2010.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

TÉCNICA para contação de história: incrível ideia. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Taise Agostini. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_2YOEhC8wKY. Acesso em: 25 fev. 2022.

APENDICÊ A – Roteiro das entrevistas

ROTEIRO DA ENTREVISTA A SER REALIZADA COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

- 1) Qual sua formação acadêmica?
- 2) Há quanto tempo você atua na Educação?
- 3) O que você conhece sobre Educação Ambiental?
- 4) Acredita que as práticas de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas desde a Etapa da Educação Infantil?
- 5) Você acredita que as práticas de Educação Ambiental possam auxiliar em futuras mudança de hábitos dos seus alunos?
- 6) Qual maior dificuldade que você percebe em abordar práticas de Educação Ambiental com seus alunos?
- 7) Já participou de algum curso de formação relacionado à área de Educação Ambiental?
- 8) Na sua graduação, você teve alguma disciplina relacionada à Educação Ambiental?
- 9) O que você conhece sobre métodos de contação de histórias?
- 10) Em uma escala de 1 a 10, qual a frequência que você utiliza da prática de contação de histórias com seus alunos?
- 11) Acredita que existe relação entre práticas de Educação Ambiental e contação de histórias?
- 12) Já participou de alguma oficina de métodos e práticas voltados para contação de história na Educação Infantil?
- 13) Acredita na importância da contação de histórias na rotina dentro da etapa da Educação Infantil?
- 14) Quais temas vocês gostariam de estudar no campo da Educação Ambiental?
- 15) Já teve acontecimento, durante sua atuação como profissional, que se caso você tivesse um conhecimento maior sobre Educação Ambiental, poderia ter contribuído de forma mais ampla para a formação das crianças? Se sim, relate de forma simplória.

APÊNDICE B – Planos de aula das oficinas realizadas com os sujeitos

Figura 8 – Oficina 1.

06/08/2021 **1ª Oficina**

Tema: Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil.

Público alvo: Educadores da creche CCaic Campos Elíseos.

Duração: 3h

Objetivo: Proporcionar aos sujeitos da pesquisa o entendimento sobre a importância da abordagem da Educação crítica

1º Momento : Questionar os sujeitos o porque ensinar Educação Ambiental ?

2º Momento : A partir desse questionamento, conversamos sobre a relação entre homem, natureza e como nós seres humanos somos seres participantes no nosso meio ambiente, de forma individual, mas principalmente de forma coletiva

3º Momento: apresentar aos sujeitos da pesquisa uma citação de Loureiro, um dos referenciais teóricos que tem embasado conhecimento para essa pesquisa e assim também para o desenvolvimento da oficina.

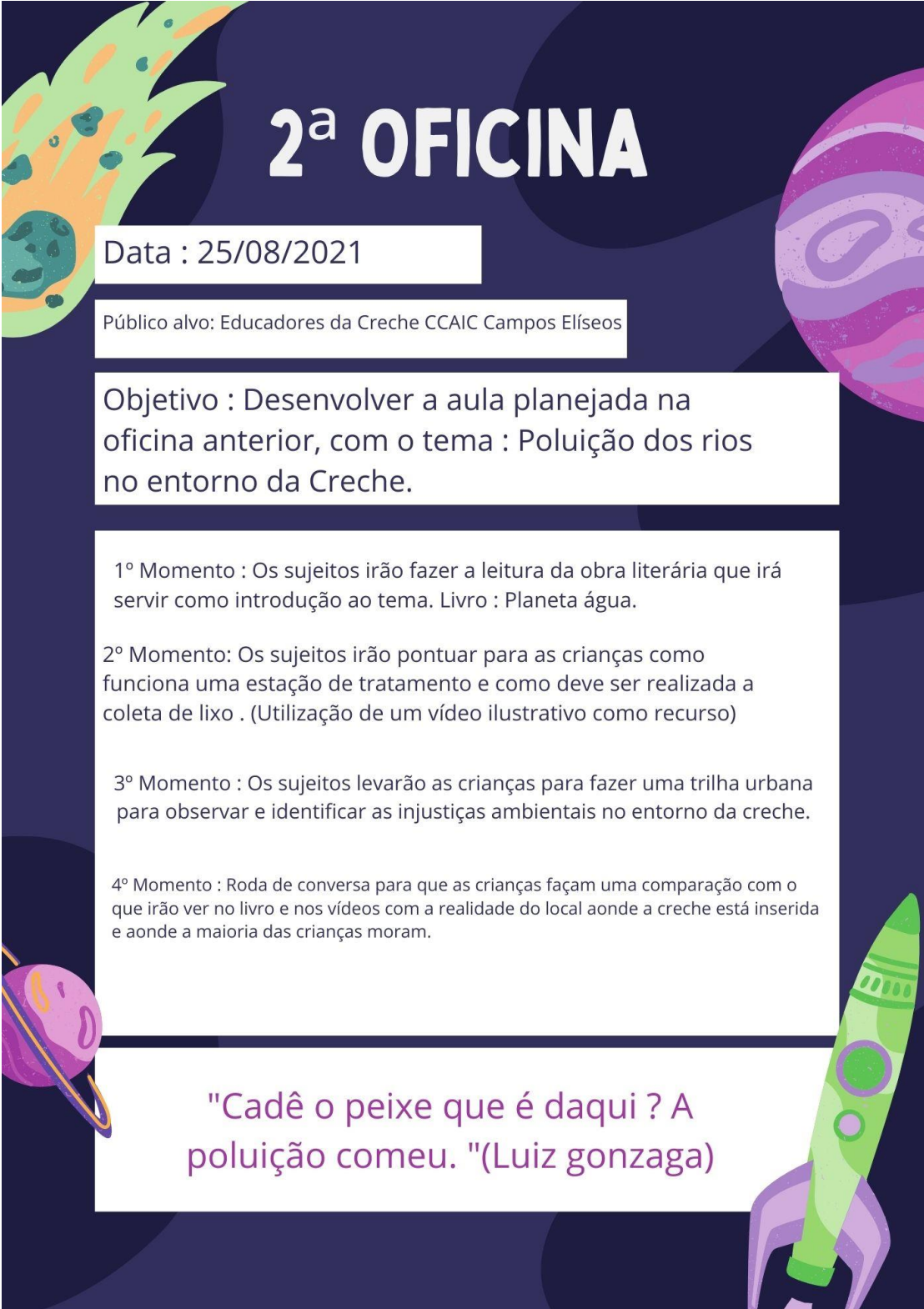
4º Momento :Roda de conversa sobre como compreender o homem como um produto social

Atividade : Como atividade dessa oficina foi proposto que os sujeitos da pesquisa pensassem em uma atividade sobre Educação Ambiental crítica para ser desenvolvida com as crianças. A atividade escolhida foi uma trilha urbana no entorno da localidade da creche, aonde as crianças pudessem identificar os problemas socioambientais da região.

A Educação Transforma pessoas. Pessoas transformam o mundo. (Paulo Freire)

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 – Oficina 2.



2ª OFICINA

Data : 25/08/2021

Público alvo: Educadores da Creche CCAIC Campos Elíseos

Objetivo : Desenvolver a aula planejada na oficina anterior, com o tema : Poluição dos rios no entorno da Creche.

1º Momento : Os sujeitos irão fazer a leitura da obra literária que irá servir como introdução ao tema. Livro : Planeta água.

2º Momento: Os sujeitos irão pontuar para as crianças como funciona uma estação de tratamento e como deve ser realizada a coleta de lixo . (Utilização de um vídeo ilustrativo como recurso)

3º Momento : Os sujeitos levarão as crianças para fazer uma trilha urbana para observar e identificar as injustiças ambientais no entorno da creche.

4º Momento : Roda de conversa para que as crianças façam uma comparação com o que irão ver no livro e nos vídeos com a realidade do local aonde a creche está inserida e aonde a maioria das crianças moram.

"Cadê o peixe que é daqui ? A poluição comeu."(Luiz gonzaga)

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10 – Oficina 3.

3ª Oficina

Tema: Contação de História

Date : 14 de setembro de 2021

Objetivos : Transmitir aos sujeitos da pesquisa métodos e técnicas sobre contação de história

1º Momento: Transmissão de um vídeo sobre contação de história pela plataforma youtube.

2º Momento : Roda conversa sobre a interação entre a criança e a história.

4º Momento : Abordagem de outras formas de contar histórias, como : Dedoches, fantachoes, teatro, entre outras...

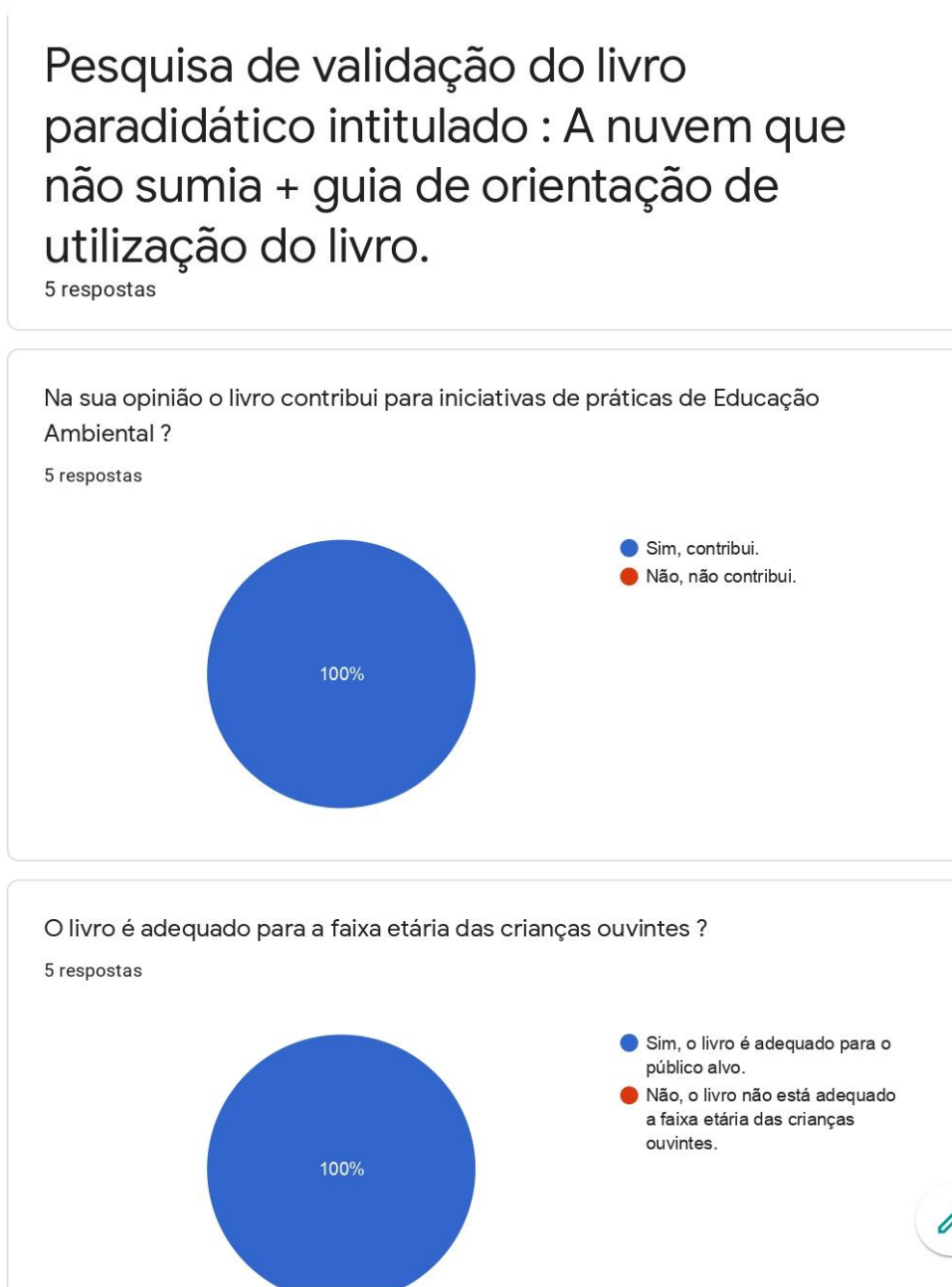
Atividade: Cada sujeito irá realizar a leitura de uma obra literária utilizando as técnicas aprendidas na oficina.

**Unir crianças e contar histórias,
é acima de tudo um ato de amor.
(Helayne Salvador)**

Fonte: Arquivo pessoal.

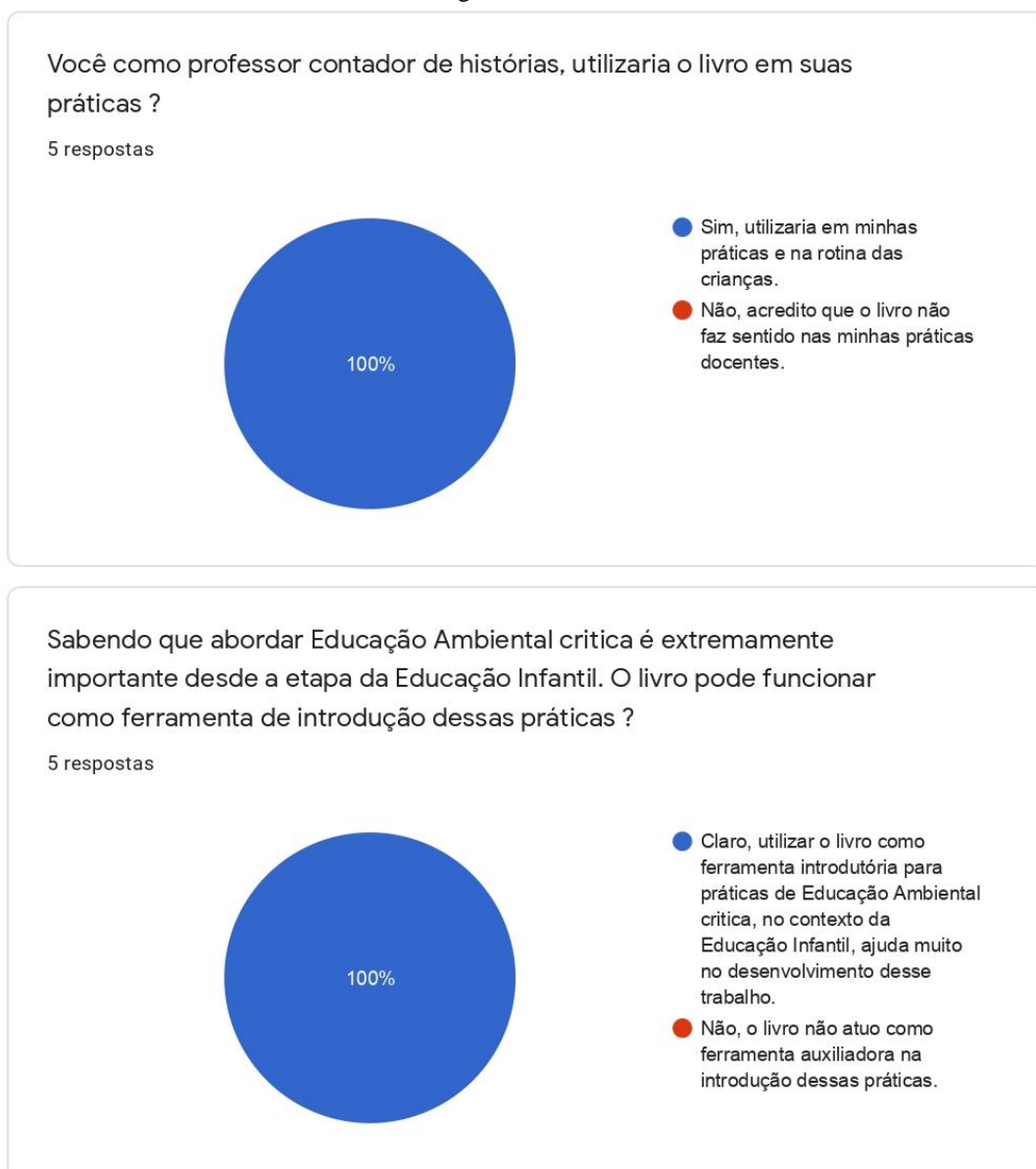
APÊNDICE C – Formulário de validação do produto educacional e gráficos indicadores dos resultados

Figura 11 – Formulário 1.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12 – Formulário 2.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 – Formulário 3.



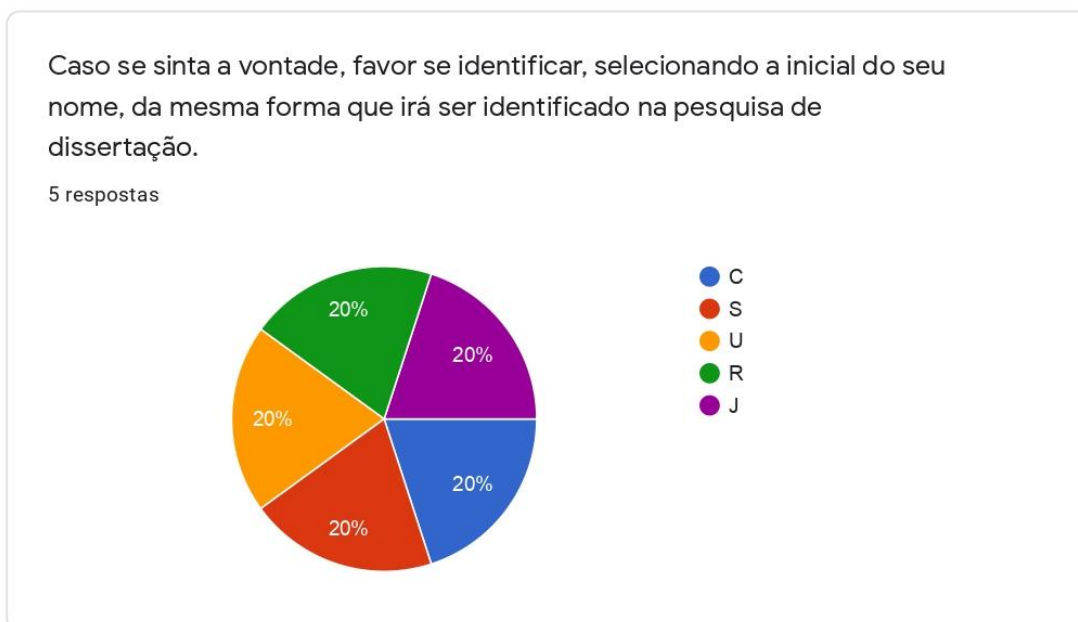
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 14 – Formulário 4.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15 – Formulário 5.



Fonte: Arquivo pessoal.

APÊNDICE D – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa Educação Ambiental: Contribuições da Contação de História na Creche CCAIC Campos Elíseos. Você foi selecionado a participar da pesquisa supracitada considerando que todos os professores da Creche CCAIC Campos Elíseos são sujeitos da pesquisa, sua participação não é obrigatória e sim voluntária. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Esta pesquisa visa investigar a promoção da Educação Ambiental a partir da abordagem da Contação de História considerando o contexto da Educação Infantil e os conflitos socioambientais existentes, no cotidiano das crianças e dos professores.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de uma entrevista semiestruturada e a aplicação do Produto Educacional que trata-se de um protótipo do livro paradidático que será baseado em conflitos socioambientais existentes no entorno e dessa forma no cotidiano da vida das crianças da Creche CCAIC CAMPOS ELISEOS. Os benefícios relacionados com a sua participação serão identificação das vertentes de práticas da Contação de História relacionada com conceitos da Educação Ambiental, bem como a identificação de como as práticas pedagógicas vivenciadas na unidade podem contribuir para a vida das crianças, quanto ao contexto de risco relativos à proximidade das moradias e da escola com a Refinaria Duque de Caxias, bem como sobre os conflitos socioambientais existentes.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor(a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento, com as pesquisadoras responsáveis Jurema Lopes e Anna Karolina Saturnino da Silva, no e-mail karolsaturnino18@gmail.com ou no telefone (21) 992343824.

Figura 16 – Assinaturas 1.

Assinaturas dos sujeitos para o :
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisa faz parte do PPEGEC DA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 - CEP 25071-202 TELEFONE (21)2672-7733 - ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppegec@unigranrio.edu.br

Rio de Janeiro, 05 de 5 de 2021.

[Assinatura]
Participante da pesquisa

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisa faz parte do PPEGEC DA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 - CEP 25071-202 TELEFONE (21)2672-7733 - ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppegec@unigranrio.edu.br

Rio de Janeiro, 19 de maio de 2021.

[Assinatura]
Participante da pesquisa

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisa faz parte do PPEGEC DA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 - CEP 25071-202 TELEFONE (21)2672-7733 - ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppegec@unigranrio.edu.br

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2021.

[Assinatura]
Participante da pesquisa

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisa faz parte do PPEGEC DA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 - CEP 25071-202 TELEFONE (21)2672-7733 - ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppegec@unigranrio.edu.br

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2021.


[Assinatura]
Participante da pesquisa

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisa faz parte do PPEGEC DA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 - CEP 25071-202 TELEFONE (21)2672-7733 - ENDEREÇO ELETRÔNICO: ppegec@unigranrio.edu.br

Rio de Janeiro, 19 de maio de 2021.

[Assinatura]
Participante da pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal.

APÊNDICE E – Termo de autorização do uso de imagem

Termo de autorização do uso de imagem assinado pelos sujeitos da pesquisa

Figura 17 – Assinaturas 2.

Termo de autorização do uso de imagem dos sujeitos da pesquisa.

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
Centro de Ética em Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Janaina Trilão Santos, CPF: 04943379-0, RG: 20569922-2

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Professora Orientadora - Jurema Lopes e Anna Karolina Salumino da Silva, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, vídeos e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, 03 de Junho de 2021.

Anna Karolina S. da Silva
Pesquisador responsável pelo projeto

Janaina Trilão Santos
Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
Centro de Ética em Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Suzana Peixe Bezerra, CPF: 04943379-0, RG: 20569922-2

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Professora Orientadora - Jurema Lopes e Anna Karolina Salumino da Silva, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, vídeos e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, 02 de maio de 2019.

Suzana Peixe Bezerra
Pesquisador responsável pelo projeto

Suzana Peixe Bezerra
Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
Centro de Ética em Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Janaina Trilão Santos, CPF: 04943379-0, RG: 20569922-2

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Professora Orientadora - Jurema Lopes e Anna Karolina Salumino da Silva, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, vídeos e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, 02 de maio de 2021.

Anna Karolina S. da Silva
Pesquisador responsável pelo projeto

Janaina Trilão Santos
Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
Centro de Ética em Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Vanessa Sousa de Melo, CPF: 04943379-0, RG: 20569922-2

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Professora Orientadora - Jurema Lopes e Anna Karolina Salumino da Silva, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, vídeos e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, 02 de Junho de 2021.

Anna Karolina S. da Silva
Pesquisador responsável pelo projeto

Vanessa Sousa de Melo
Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
Centro de Ética em Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Jeniferiany de Freitas, CPF: 11.874.231-0, RG: 20569922-2

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Professora Orientadora - Jurema Lopes e Anna Karolina Salumino da Silva, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, vídeos e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, 09 de Junho de 2021.

Anna Karolina S. da Silva
Pesquisador responsável pelo projeto

Jeniferiany de Freitas
Participante da Pesquisa

Fonte: Arquivo pessoal.